

Cultura, cultura galega e mundo lusófono em Valentin Paz-Andrade. Alguns contributos

Elias J. TORRES FEIJÓ
(Universidade de Santiago de Compostela)

(Para Rosa, marítima, entre camoniana e pessoana)

I. CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

O historiador é sempre umha parte do que estuda. Nom podendo atingir o prístino grau da pureza, deve conformar-se com a consciência da aproximação peregrina, e com saber que há umha relação inversamente proporcional entre a rigorosa tomada de distância do objecto estudado e o necessário entusiasmo e calor. Ponho um caso referido ao assunto da literatura nacional: I. Chernov advertia que a definição dela é, como actividade *postfactum*, o resultado dumha polémica ideológica, manifestada na valorização que da biografia do escritor, ou do leitor, poda ser feita em confronto com os valores oficiais dum segmento da sociedade ou do seu grupo dirigente; fica assim, acrescenta Chernov, suplantada a reflexom polo preceito político. Parece-me que em boa medida é de aplicação à literatura galega. O historiador pois vê-se também ele obrigado a ser *programático*; a intervir como tal no processo de recuperação da palavra silenciada (G. Millán, 1992); é parte do sistema.

Em casos como o que nos ocupa mais; porque som tratados assuntos de natureza conflitiva no presente, e o passado relativamente imediato corre entom o risco de *ser aparecido* como umha Patrística ortodoxa, ou como um oráculo de cuja consulta é alcançada a verdade perseguida, quando nom previamente desejada. Algo assim acontece com o Galeguismo de pré-guerra. Se, ponho por outro caso, alguém invocar que algumha cousa "já a dixo Castelao", parece que nesse mesmo instante a discussom deve parar, porque a autoridade convocada é irrefutável. Nom é raro costume essa prática. A consequência é, a meu ver, umha permanente pará-

lise no pensamento (e da acção) na vontade de carregar-se de razom por via *teológica passadista*; e igualmente umha confusom de planos que convida à auto-satisfaçom tanto como impede a evoluçom. Em definitivo, que ir ao passado à procura de sentenças que podam confirmar o acerto das nossas previsons actuais é umha tentaçom que acaba no esquematismo e cujo idealismo conduz a umha espécie de redençom imaginária.

Se digo isto, é porque a obra de Valentin Paz-Andrade pode ser perspectivada, particularmente polo reintegracionismo, com esta atitude, anulando as razons e as dinâmicas que a justificam, sendo estas o autêntico centro da questom. Só umha hagiografia nom chega; é, aliás, contraproducente. Como tampouco avonda umha lista mais ou menos exaustiva de citaçons estelares. A presente aproximaçom quer ser, pois, mais do que a apresentaçom das *evidências reintegracionistas* de Paz-Andrade, umha tentativa de compreendê-las. Um convite (o espaço, de que já abuso demais, nom permite umha extensa exposiçom) para tentar interpretar a sua dinâmica e assim melhor perspectivar a sua génese e desenvolvimento; porque também nom acreditamos em biografias que, conhecendo o resultado final, foquem teleologicamente o passado como indefectível preanúncio, do tipo: “já aos cinco anos manifestava a sua vocaçom jornalística”, quando o biografado jornalista pudo acabar de notário e lendo o jornal só no fim de semana. Por todo isto decidimos umha exposiçom cronológica da sua actividade que, nom sendo possível acompanhar em todas as suas manifestaçons, escolhas e objectivos através do tempo e do estado de cousas com que se ía encontrando (a pessoa leitora deverá i-los preenchendo), contribua, ao menos, a apresentar de forma esquemática a constituïçom e praxe dos seus pensamentos².

Valentin (seja permitida esta familiariade prática de quem nom o conheceu) é pessoa de vários saberes, complexos ainda mais quando integrados, com a curiosidade e a polifacécia dos renascentistas e a importante capacidade reflexiva e pedagógica procurada polos ilustrados, que el estudou. *Homo Nós* daquela época em que eram assumidas várias dedicaçons. Esta valorizaçom quer indiciar a complexidade do entendimento. A de Valentin Paz-Andrade é, penso, umha das biografias mais interessantes por escrever no mundo galego contemporáneo para, assim, podermos completar a visom do home jornalista galeguista e activo advogado do pré-guerra, com a do empresário e, sobretudo (polo tema que nos ocupa) a do pensador sobre o destino da identidade e da soberania cultural galegas.

II. PRODUÇOM E CONCEPÇOM CULTURAL DE VALENTIN PAZ-ANDRADE NO PRÉ-GUERRA

II. 1. Umha acçom vasta e pluridimensional

É ingente a produçom jornalística de Valentin Paz-Andrade. Basta com revisar os apêndices do seu Epistolario preparados por Portela e Díaz Pardo para verificá-lo. A essas múltiplas referências poderíamos ainda acrescentar outras. Paz-Andrade, com dezoito anos, estava à par já do movimento galeguista; investiria os dez céntimos que custava o preço de *Maruxa*³, “semanario escolar”, onde a dedicaçom à “Literatura, ciencias y artes” era proclamada ao serviço dum “incan-

sable labor de cultura”. Com efeito, o número 4 do semanário dirigido por Marino López Blanco publica umha carta sua que assim o testemunha. A manifestação das suas ideias e impressões através dos meios de comunicação escritos aparece cedo e continuamente. E nelas estão certamente alguns dos assuntos que vertebraram a sua actividade posterior. Na *Suevia* de Santiago publicará, no número 7, antes da interrupção do semanário, “La inconsciencia política en el agro”; descreverá Combarro para os leitores da revista vanguardista *Vida*, da Corunha (n.º 2 de Agosto de 1920); em plena actividade política (pré-)republicana escreverá nas páginas do *Heraldo de Galicia*; manifestará a sua homenagem a Castelao em 1932 em *Vanguardia Gallega*, Lugo (n.º 216, 18 Junho de 1932), aparecerá como colaborador em projectos como *Ser*, o «semanario gallego de izquierdas», de 1935; que tinha como director Suárez Picallo; atento também aos projectos institucionais galeguistas escreverá sobre a RAG e a SEG na *Revista del Centro Gallego* de Montevideo (n.º 143). Da mesma forma é notória nestes anos a sua vinculação com a realidade emigrante de Além Mar. A sua assinatura aparecia não só na *Revista del Centro Gallego* referida, mas também em *Cétiga*, onde, por exemplo; no número 82 publica «En el cincuentenario del poeta Añón», onde salienta que o poeta galego «acogióse a Portugal, donde le fueron propicios el afecto de sus hombres de letras y las variantes del idioma». «En Portugués», acrescenta, «escribió el Himno dos Pobos»⁴. Anos antes, em 1928 escrevera para esta revista, com motivo dos números 85-86 de 25 de Julho, dedicados ao Dia da Galiza, o artigo «Miño» («especial para *Cétiga*» sublinhava a revista) título revelador para a celebração, onde, ao lado dumha fotografia da ponte internacional, os leitores encontravam estes apóstrofes ao rio:

“Sutura eterna e dous pobos, que xurdiron da man de Deus, irmáns. [...] Entrégaste ao mar, despois de te revoltar escontra as veleidades da Hestoria. Arrolas con agarimo igoal terras que a inxusticia arreda, coma se quixeras afirmar a identidade do seu espírito por enriba das transitorias disensións estatales”⁵.

Som estas algumas referências gráficas da actividade de Paz-Andrade, pequena amostra de como aquel jovem advogado era cada vez mais conhecido pola sua actividade política e cultural na Galiza de pré-guerra, polo seu labor galeguista e de quais eram alguns dos assuntos que lhe interessavam. É naturalmente impossível aqui sistematizar toda essa tarefa; aparecem, entre outros, textos referidos à construção política do país, ao seu desenvolvimento económico, à questão linguística e cultural, ao relacionamento com Portugal, direcções várias e muitas vezes interrelacionadas, de pessoa vinculada a empresas inovadoras e activas, vanguardistas no campo intelectual⁶ da altura, o que pode ir apontando-nos elementos definitórios do seu pensamento.

Perante essa impossibilidade, vamos escolher aqui dous momentos diferentes daqueles anos, que podam ajudar à percepção da sua concepção da cultura, da cultura galega e do mundo lusófono. Eles som os anos da sua direcção de *Galicia* e alguns artigos publicados em *A Fouce*, na passagem da ditadura à democracia, já pois na década de trinta.

II.2. Cultura como acção e dinamismo

Está por fazer a história da(s) concepção(ns) e do(s) conceito(s) que de cultura e de cultura galega funcionavam no galeguismo do pré-guerra. Ela explicaria sem dúvida aspectos que hoje aparecem confusos ou revestidos de forte esquematismo, como forneceria dados sobre as estratégias propugnadas e o peso que cada um dava à actividade cultural; e mesmo iluminaria concepções e atitudes presentes. E é que é o próprio conceito de nação o que está em causa e por trás das diferentes tendências. E ela, enfim, permitiria-nos colocar melhor Valentin no panorama cultural e político daquela época de importantes movimentações, em que a sua actividade tanto aparece ligada a clássicos do galeguismo, já centrais, como Castelao, Otero ou Vilar Ponte, como vinculado igualmente a todo o tipo de vanguarda minimamente galeguista, como em *Vida* ou como em *Galicia* (Amado Carballo ou Cebreiro, por exemplo), e assim com J. J. Casal ou Francisco Vighi na *Revista del Centro Gallego* de Montevideo, já referida, ou com Álvaro Cunqueiro, Manteiga, Del Riego, Fole, Seoane, Maside, Colmeiro, etc. na revista *Ser*; e isto por dar apenas alguns nomes.

Seja como for, em Valentin Paz-Andrade deduzem-se algumas características que, não sendo absolutamente originais nem exclusivas, sim contribuem a perfilar e singularizar a sua actividade e pensamento. Delas é talvez o seu principal traço a consideração do *cultural* como dinâmico e não como *totum* adquirido e estático. E se modernas aproximações no campo dos estudos literários e culturais têm assinalado que o peso excessivo da Tradição numa cultura é sinónimo do seu estagnamento, Valentin foi um precursor da insurgência contra a cultura entendida como a colecção de objectos-fetiche ou contra uma reducionista consideração essencialista da mesma. E num contexto onde a primazia do sentimentalismo sobre a racionalidade deriva(va) num desequilíbrio inerme frente à absorção espanholista, é patente na sua acção e pensamento, e já desde os inícios da sua actividade pública, a denúncia do atraso ou atraso em que atitudes desse género colocam essa cultura, permitindo assim a invasão a que o grupo cultural ameaçado está exposto. Se bem será nos anos cinquenta, em *Galicia como tarefa*, onde o autor ofereça em extenso e intenso um corpus mais acabado do seu pensamento neste sentido, ele já se manifesta em escritos do pré-guerra, o que nos permite compreender a essa luz a sua obra e acção desde tempos recuados. Com efeito, se surpreendermos a obra de Valentin mesmo em momentos de intensa actividade política e intervencionista poderemos perceber as características assinaladas como feição própria e animadora da sua visão da cultura e ainda da actividade humana. Elas aparecem no discurso “A nosa definición autonomista”, pronunciado, juntamente com os de Otero e Castelao, no Teatro García Barbón de Vigo com motivo da celebração do Dia da Galiza de 1930 e que, organizado pelo Grupo Autonomista Galego, foi publicado por *Nós* no mês seguinte⁷. E são ainda mais nítidas na série de artigos publicados em *A Fouce*, o órgão independentista galego de Buenos Aires ligado à Sociedade Nacionalista Pondal. Escrevia Valentin em 1931, ainda antes de proclamada a Segunda República Espanhola, num deles, publicado no n.º 30 de 1 de Abril de 1931, tratando o assunto do ideal como motor da acção galeguista, chamando a superar as atitudes sentimentalistas tendentes a *imaginar-se* mais do que a *fazer-se*:

“Os verdadeiros apaixonados de Galicia, han de amal-a d-outro xeito: convertindo o sentimento en ideal, en acción. Facendo do amor unha forza nova e dinámica, limpa e xenerosa, que atope na loita autonomista o seu cauce fecondo, o seu campo natural d-actuación.

Non é tempo de salayos tenros, nin de cantigas moles; senon de rextos, de craros feitos [...].

Falamos par-os que, sen finximentos, antepoñen a calquera outro ideal, o de ser cidadáns conscentes d-un país liberado,[...]

Hai, pois, un labor inaprazable, a loita e capacitación a vez, que recrama o esforzo dos homes galegos, Unha xesta hestórica; que non pode ser eludida. Que todos veñan a obra con fé, cheos de azos e optimismo, mais con afán de crear, con inquedanza de traballo, con anceios de facer, aínda que sexa desfecendo.

Con menos sentimento, pr-ó con mais ideal; cambendo a retórica pol-a acción”.

Combatia nesse artigo Paz-Andrade, que intitulava significativamente “Sentimento e ideal”:

“Ningún tópicoo tan sobado como o do amor a Galicia. Escoitamol-o a cotío, nos mais deversos tons decramatorios, ora pra matizar sentidas protestas de galeguismo, ora pra encubrir a turba aparencia de accións inxustificables.

D-esa crás de amor a Galicia, pra uso de brandos sentementales e de malabareiros retóricos, queremos denunciar hoxe o que ten de truco inxenuo. Con tud-o amor a Galicia en que andan se derreter xentes tales, ningún positivo ben se recada par-a Terra. Seguirá vivindo Galicia, coma dende fai catro longos séculos, en rexime de colonia, sen concencia esperta pra se rebelar e manumitir. E un amor que arrola, e, pol-o tanto, adurmiña no actual estancamento, na indinidade e na servidume”.

A unha concepción pois estática, lirista e paralisante, opom un concepto dinámico da cultura, como instrumento de identidade e comunicación. Isto chega a converter-se en *leitmotiv* do seu discurso e da súa actividade. E, podendo à primeira vista parecer un tópico do galeguismo, na realidade non o é tanto; nem polo que tem de iluminador da súa propia acción, nem mesmo se contrastado con outras formulações galeguistas. Há em Valentin um constante apelo à superação do estado de cousas, fora de qualquer vontade contemplativa, acreditando que só a produção pode tirar a Galiza do seu estagnamento. Num artigo na mesma publicação, dum mês antes, manifesta mais unha vez essa sua sistemática preocupação, censurando a percepção como natural das contingências políticas opresoras:

“Os caciques, !ora esa!, coñecen ben con que bois labran.

Compren-os pos, os loitadores, os que tratamos d-erguer unha Galiza ceibe, encol das ruínas da vella Galicia serva, a misión de tirar ó pobo d-aquel espellismo enganador en que aínda vive enfeitizado. El está co poder, sen decatarse de que o poder está n-él. Está co poder, hastr-a cando este dixerere en arbitrariedade y-en treición, como se fora unha forza sobrenatural, contra a que somente cabe que se poñan os tolos.

Temos de acabar con ese “senso reverencial” do mando. Ao pobo ten de revelar-selle, alumeando a escuridade calculadora das concencias, que ningunha representación nin poder político e alleo a vontade colectiva, poden existir lexitimamente. E que se alguen os usurpa, non é porque unha forza fatal o asisa, senon po que os demais lle deixan” (De “A Nosa Terra”⁸).

E meses mais tarde, em plena actividade política nacionalista nas Cortes constituintes da República, assinava em Vigo, Novembro de 1931^{8 bis}, um outro texto onde insiste na necessária acção e nos perigos da absorção a que antes fazíamos referência; e aparece aí também a dimensão do futuro da cultura, muito por cima de qualquer visão passadista, e trata a Tradição como nutriente, “mais sin cair na superstición das antigas forzas vitales”:

“O movemento autonomista loita por lle dar á Galiza a posesión dos seus destinos. Zuga do pasado o celme das decantacións históricas, que constitúen o fondo tradicional e típico, específico e diferencial dos pobos, mais sin cair na superstición das antigas forzas vitales. Pol-a contra, mais ben se vira caar o porvir, pra ensaiar n-el un novo estilo de vida galega.

Responde, pois, a un pulo restaurador, de rescate integralista, mais sómente como a condición previa de recandramento biolóxico diante os problemas do futuro. É unha xesta creacional a remover vellos conceptos deformadores do ser colectivo, da unidade natural que é Galiza; a desbotar os froitos serodios d-unha cultura de imitancia e d-unha gobernación tutelada [...]⁹.

II.3. O jornal *Galicia*: práctica cultural e concepción do mundo lusófono

Ora bem, se nestas manifestações mesmo naqueles momentos de encruzilhada (pouco antes, durante e pouco depois da proclamação da República no Estado Espanhol), podemos ver parte do seu pensamento cultural exposto, é para a sua actividade jornalística à frente do jornal *Galicia* para onde teremos que virar para perfilar as bases orientadoras do seu pensamento e actividade ulteriores. E lido o jornal que ele dirigiu anos antes destes artigos procurando nele a prática das pequenas observações que precedem, bem se percebe que os enunciados de *A Fouce* respondem aos objectivos e concretizações de *Galicia*. Com efeito, quando Valentin Paz-Andrade, jovem advogado de vintetrês anos, assumiu em 1922 primeiro a chefia de redacção e imediatamente a direcção daquele novo jornal viguense, ia iniciar-se, com ele, uma das plataformas mais activas dos primeiros anos da década de vinte.

Era o novo diário um projecto do galeguismo progressista, cujo programa resumirá muitos anos mais tarde Paz-Andrade a V. Freixanes^{9 bis}:

“Independencia política dentro do xogo da democracia; militancia na causa das liberdades e reivindicacións políticas, sociais, económicas e culturais de Galicia; obriga de abordar de cheo a defensa dos intereses rexionais secularmente esquencidos ou aldraxados”.

acrescentando:

“Penso, falando de *Galicia*, que a intelectualidade galega atopou de súpeto unha tribuna nova, de aire europeo, prediposta tanto ao pao coma á loubanza”.

A ideia surgira de Ernesto Cádiz Vargas, “un señor chileno, cónsul honorário do seu país na capital galega, que viña teimando (e ninguén soupo por qué) na idea de fundar un xornal de información en Vigo. Chamábase don Ernesto de Cádiz Vargas, home despido de toda cobiza política, ao menos tocante a unha terra que non era súa” (44).

A motivação talvez fosse a de ter um jornal que publicitasse as empresas que com ele estavam relacionadas em Vigo. Seja como for:

“Cando retornéi a Pontevedra desvencellado xa da obriga e fardamenta militares, o primeiro que fixen foi pór ao corrente da nova aos mestres da miña corda: Alfonso R. Castelao, Antón Lousada Diéguez, Juan Bautista Andrade, etc. Todos atoparon a idea e a oportunidade dinas de ser aprobeitadas: víamos a posibilidades dun xornal enteiramente libre ao servizo da nosa terra (...)”.

E assim foi; sustentado para a captação de notícias no vínculo estabelecido com o famoso jornal progressista madrilenho *El Sol*, o jornal reuniu um grupo do mais florido da intelectualidade galeguista do momento¹⁰; e não só dos intelectuais da palavra, porque ali participavam também como colaboradores os debuxantes Castelao, Carlos Maside, Manolo Torres, Álvaro Cebreiro, Fernández Mazas (Dichi) e Huici; fotógrafos como Ksado; e pessoas do bom fazer como Moret na imprensa. No grupo de colaboradores da escrita estavam Antón Vilar Ponte, Risco, Otero, Núñez Búa, Xaime Quintanilla, Ramón Vilar Ponte, Roberto Blanco Torres, Cañizo Gil, Roberto G. Pastoriza, Bernardo Bernández, Eloy L. André, Otero Espasandín, Rafael Dieste, Zenitram, e Cabanillas, que foi Administrador do jornal.

Foi o seu chefe de redacção primeiro Lustres Rivas e depois Blanco Torres.

Da mesma relação de pessoas do jornal é fácil deduzir já uma concepção activa e progressiva, menos enraizada no lirismo que outras galeguistas coetâneas, mais virada para a novidade; menos saudosa do Passado e da Tradição, mais preocupada com o destino e o papel no futuro. Menos épica também, não ancorada em discursos. Onde a vanguarda galega encontrou um espaço relevante de expressão. Um meio de comunicação, aliás, que vai acreditar mais na capacidade da sociedade civil que na oficial, mais no quotidiano que no espectacular. Nesse conceito dinâmico e activo, reflexivo e não passadista, insere-se o jornal *Galicia*.

E nele vai ter espaço também um dos maiores labores de dimensionamento e intercâmbio do mundo lusófono, mais particularmente o português, daqueles anos. Essa vocação integradora não será circunstancial nem, tendo na criação literária um dos seus eixos, ficará por uma aproximação puramente estética. Olhando no seu conjunto as notícias da Galiza, do Estado e de Portugal, é perceptível a normalidade com que as relações luso-galaicas querem ser estabelecidas: em quantidade e em qualidade. Era a comunicação o que os preocupava. E assim haverá pelo menos um correspondente habitual desde Lisboa (tarefa que desenvolveu Alejo Carrera pontareano eminente da emigração galega na capital lusa, e que já desde bastantes anos atrás vinha exercendo esse labor mediador entre a sua terra de origem e de adopção). Já desde o número 1, de 25 de Julho de 1922, *Galicia-Diario de Vigo* informa os seus leitores de assuntos portugueses, com notícias datadas em Tui e Lisboa. Para além deste tipo de notícias, *Galicia* estará atenta a toda presença cultural ou recreativa em terra galega vinda de Portugal, ou ao contrário; a todo o que considere exercício prático e activo de conhecimento. Assim, por exemplo, em Maio de 1923 informam da gira galega da agrupação Portugália e nos números 426 e 427 de 1924 noticiam a viagem da tuna do Porto pola Corunha, Compostela e Pontevedra. Também actividades singulares do “lado de lá” importam: O raid Lisboa-Macau merecerá o destaque no jornal viguês do dia 28 de

Junho (nº 546), ilustrado com fotografias de Brito Paes e Sarmiento Beires e Gouveia. Enfim, som estas pequenas amostras de “crónicas de sociedade” testemunhos dum interesse endereçado a todas as esferas do noticiável que tiveram a ver com o mundo luso.

No entanto, eram notícias de índole económica e política as mais habituais, e sobretudo as referidas à vida cultural portuguesa, que nom raro ocupavam a primeira página e ainda o principal titular. Entre elas destacam as que informam das mortes de Guerra Junqueiro e de Teófilo Braga, ocorridas em menos dum ano, dous “clássicos” da literatura e o pensamento portugueses, e de grande importância referencial para a Galiza, que ocupará nom apenas o lugar principal mas varios números subsequentes.

A morte de Guerra Junqueiro merecerá mesmo um artigo em primeira a duas colunas de Lustres Rivas em Julho de 23, “Remembranza de Guerra Junqueiro”, no número 298, onde com efeito rememora o redactor-chefe o seu encontro com o poeta luso num restaurante do Porto, que afirma nunca esquecerá, e desenha um sentido elogio ao escritor, “todo apostólico era el bardo, todo genial era el Genio”.

Meses mais tarde, o 30 de Janeiro de 1924, *Galicia* fará-se eco de outro acontecimento luctuoso para a cultura portuguesa e galega: “Ha muerto el sabio polígrafo Teófilo Braga”, intitula a três colunas na primeira do número 467, que começa assim:

“Ha caído uno de los robles más recios y frondosos de la nación portuguesa. Teófilo Braga no era sólo uno de los valores más acendrados y culminantes, un índice del fastuosos florecimiento intelectual de la República portuguesa en estos últimos lustros; era un precursor, uno de los precursores más prestigiosos y aureolados por la llama de su talento y de sus virtudes patricias; era el maestro de una juventud que es hoy la avanzada espiritual del pueblo lusitano, el caudillo y el guía de una legión de hombres que sienten como pocos la voz de sus antepasados y los destinos futuros de su país, en cuyo engrandecimiento están vinculadas las más aquilatadas y luminosas mentalidades del país hermano”.

Percebe-se no tom da crónica umha rendida admiração polo intelectual luso, aproximado ainda mais da Galiza com qualificativos como o de precursor, nome como sabemos reservado aos primeiros galeguistas de quem, aliás, Teófilo fora amigo. Esse mesmo tom continua noutros parágrafos:

“A Braga le sorprende la muerte cuando de su saber y de su amor a la cultura patria esperaba Portugal óptimos frutos. Pero ya le había dado cuanto un hombre superior puede dar a su tierra y a su tiempo. En su obra admirable, como en su propia vida, que fué una correspondencia ejecutoria bajo los pliegues de una noble bandera, está el mejor elogio y el epitafio más honroso para una memoria veneranda e inmortal”.

E, finalmente, o jornal lembra os contributos de Braga à cultura galega:

“Galicia siente también como una pérdida propia la muerte de este eximio repúblico que, al enaltecer con un fulgor extraordinario las letras de su país, trajo también al acervo de nuestra cultura y de nuestro resurgimiento literario una llamarada de su espíritu”.

Se este era o teor para os mortos ilustres lusos, essa mesma admiração e elogio nota-se com os vivos, nomeadamente com Teixeira de Pascoaes. A aparição

deste poeta, símbolo para o galeguismo da irmandade com Portugal, nas páginas de *Galicia* sempre merecerá rendidas palavras. O jornal pede várias vezes a colaboração expressa do poeta de *Marânos*¹¹, e cada correspondência dele é posta em destaque. Assim, na comemoração do 25 de Julho de 1924 o lugar central e superior da página literária é ocupado pelo título “El poeta de Portugal a Galicia”, com dous poemas, “A Onda” e “A Minha Musa” antecédidos do seguinte texto:

“Amigo e confrade:

Felecitando-o pelo segundo aniversario de GALICIA, que é un jornal da «minha terra» pelo muito que a amo, envio-lhe alguns pobres versos; o melhor que possumo n’este momento. Espero que me perdóe a pequenez da oferta.

Confrade muito amigo e agradecido” TP

Nos emblemáticos 25 de Julho a presença lusa era ampla e significativa. De facto, nalgum caso como o de 1925, já Ditadura primorriverista perfeitamente instalada, as únicas palavras que aparecem em (galego-)português na primeira página som de escritores lusos. Com efeito; e acompanhados dum «editorial», intitulado «Patria Nueva» e sob o rótulo habitual de «Los hechos y los días», em que é denunciada a perseguição a que o jornal de Vigo é submetido e promete-se continuar no labor liberal e galeguista, aparecem textos de Júlio Dantas, Leonardo Coimbra e, claro, Teixeira de Pascoaes. De Dantas aparece o poema «A Rainha Santa», onde o português fala da peregrinação a Santiago, ao «Chão sagrado da Galiza» de Dona Isabel de Aragom, rainha de Portugal. O texto do professor universitário Leonardo Coimbra, o «filósofo do Saudosismo» com fortes vínculos galeguistas, datado três dias antes no Porto, trata da «Galiza, terra da Saudade», texto eminentemente lírico, onde sobranceia o canto à unidade espiritual galego-portuguesa e a «Santa Rosalia» como farol dela. Por sua vez, Teixeira de Pascoaes fazia «o regalo d-unhas liñas súas» (vid. carta segunda de Blanco Torres, nota 13 deste trabalho) que o jornal intitula «TEIXEIRA DE PASCOAES A «GALICIA»:

“El eminente poeta lusitano nos envía la siguiente hermosa carta:

Amarante, 18 de Julio 1925

Sr. D. Roberto Blanco Torres.

Querido amigo e confrade:

Venho felecitá-lo, com o maior entusiasmo, pela comemoração da data de nascimento do GALICIA, jornal que eu tanto amo e admiro.

Venho felecitá-lo a sí, ao ilustre director e a todos os colaboradores.

GALICIA é un diario superiormente escrito, defendendo as mais nobres ideias e encarando admiravelmente o espirito da raça galega —esse espirito que é uma das minhas Divindades. Sabe quanto adoro e admiro a Galiza. Não é ela mãe de Portugal? E a Galiza que principia o Moráo [sic], erguido, ao longe, em frente da minha janela, como o templo grandioso da Saudade. Da Galiza veiu Camões; e é para a Galiza maternal que dirijo sempre os meus olhos de filho amoroso e obediente.

Já ve, meu querido confrade, o entusiasmo com que o felecito n’este dia e a todos os meus irmãos galegos.

Um grande e saudoso abraço de TEIXEIRA DE PASCOAES».

A presença da poesia portuguesa é mesmo alta na vida do meio viguês, desde os clássicos como Camões até vanguardistas como Júlio Valflor (a nova poesia portuguesa tem um amplo espaço consoante a orientação do jornal), passando por outros nomes de grande relevo na altura como o poeta simbolista Eugénio de Castro.

Toda esta multifacécia que vai caracterizando o relacionamento galego-português em *Galicia* vê-se ainda coroada por comentários e ainda alguma editorial do jornal dedicadas também ao relacionamento (onde é lícito pensarmos na mão directa de Valentin ou com a colaboração do seu redactor-chefe). É o caso da aparecida no primeiro 10 de Junho da publicação, o de 1923, data denominada o “Dia de Camões”, no número 273. Leva esse editorial por título “Lusitania y Galicia. Abrazo de Almas”, inserido na primeira página. Transcrevemo-lo na íntegra, sem mais comentários que o de fazer notar como a coluna vertebral do pensamento de Paz-Andrade que vimos tentando analisar aparece aqui em plenitude, referida à dimensão externa da cultura galega e o acréscimo de indicar que nessa primeira página é noticiada a excursão que o Casino de Vigo organiza a Viana do Castelo:

“Con íntimo alborozo, con hondo amor cordial, venimos recogiendo y glosando en estas columnas cuantas manifestaciones de intercambio espiritual y afectivo se registran entre la tierra de Camoens y la tierra de Rosalía.

Felizmente, los nuevos tiempos, las etapas que vivimos las generaciones novecentistas, parecen orientarse hacia una compenetración fecunda y vindicadora de funestos y artificiosos divorcios (sic, por divorcios), que crearon viejos azares dinásticos y que han de deshacer futuras revisiones históricas [...]

Este creciente movimiento bilateral de familiarización luso-galaica, fomentado y mantenido, ora por la visita a nuestras ciudades de colectividades artísticas y deportivas de la nación hermana, ora por la correspondencia de entidades nuestras organizando excursiones como la que hoy envía Vigo, ora con la desinteresada colaboración del intelectualismo, abre sobre el borde común del Atlántico, un horizonte luminoso para el porvenir del Occidente ibérico.

Y lo más confortador y simpático de todo este movimiento, es que vive en la ausencia de toda acción oficial, sin la intervención, casi siempre interesada y desnaturalizada, del profesionalismo gubernamental. El alma popular alienta el ansia viva de la amistad luso-galaica, y cuando en uno u otro pueblo se produce una manifestación del genio racial con efectos de universalización, es en la entraña de la raza, en los elementos populares, donde mejor se siente y se comprende.

Por eso es hoy motivo de honra para nosotros que Vigo colabore a esta gran empresa, asociándose a la celebración de una gloriosa efemérides lusitana. Nuestra ciudad, por imperativos geográficos, tiene acaso reservado un puesto de vanguardia en las futuras gestas atlánticas, que han de servir para el alumbramiento de nuevas culturas nacionales.

Bueno es que se vaya preparando para el advenimiento de esas jornadas el espíritu de las gentes. El alma gallega y el alma lusitana -almas hermanas, almas gemelas- comienzan a comunicarse.

El mismo conocimiento ha aventado ya de ellas antiguas suspicacias e injustificados recelos, para trocarlos en recíproca admiración para las glorias de ambos pueblos.

¡Que ese abrazo espiritual de Portugal y de Galicia se haga cada día más fuerte y sea cada día más fecundo!”.

A/O nossa/o muito paciente leitor/a encontrará noutros escritos posteriores de Valentin retrincos deste fato com que o galeguista foi trajando o seu pensamento.

Na qualidade de pessoa na cultura pertencente ao mundo nacionalista galego de pré-guerra a vocação reintegracionista constituía em Valentin Paz-Andrade umha das suas feições características. De facto, podemos acrescentar, nom se arreda da prática comum e mesmo do sentido e tom orientador do discurso dominante no nacionalismo sobre Portugal e o mundo lusófono. Ainda assim, muitos anos mais tarde, Paz-Andrade procedería à elaboração dum quadro, reflexivo e programático ao mesmo tempo, sobre o assunto, que os seus primeiros anos de produção intelectual contribuem a interpretar, mas cuja especificidade nom é possível entender minimamente sem atender à sua trajetória neste campo e aos conceitos que sobre cultura e cultura galega irá dando à luz. Isso será muitos anos passados da Guerra Civil.

III. O APÓS-GUERRA CIVIL: ELABORAÇÃO DO CÓRPUS CONCEPTUAL

III.1. *Galicia como tarea*:

As conseqüências da Guerra Civil som em geral conhecidas. Entre elas, para o caso que nos ocupa, está a parálise da acção política na Galiza e a impossibilidade de praticar minimamente as ideias de anos antes. Do ponto de vista da reflexão e da produção política, económica, social, cultural, houve um silêncio grande, apenas alterado em parte polo *Sempre en Galiza* e alguns outros escritos. Essa situação prolongou-se durante longos anos. É nessa precariedade dos anos cinquenta em que *Galicia como tarea*¹² surge como a formulação do que a juízo de Paz-Andrade deve ser a reorientação do esforço cultural, título este do terceiro capítulo. E é aí onde podemos assistir à mais extensa e acabada síntese do que para o antigo director de *Galicia* é a cultura, neste caso a cultura galega. Em *Galicia como tarea*, vai apresentar enfim, um corpus teórico e reflexivo que se relaciona com a prática que verificavam as actividades anteriores, mas que nunca tinha sido assim teorizada. Nom era este aliás um facto insólito: repare-se que *Sempre en Galiza* é tanto expressão teórica dum nacionalismo do pré-guerra (quando já a guerra tinha acabado), como manifestação dos poucos corpus com suficiente profundidade e desenvolvimento que o galeguismo daquela altura produziu. Certamente, se os tempos passados foram predominantemente tempos de acção, parece a conjuntura mover e (apenas permitir) agora a aspectos programáticos do que se espera seja a acção futura durante e sobretudo depois do regime ditatorial. Desconhecemos até que extremo a actividade profissional que desenvolvia nesses anos conduziu Valentin a este livro. Pensamos no entanto que ela tivo que ser polo menos condicionante. Paz-Andrade desenvolvia desde anos antes umha intensa actividade de assessoramento no âmbito da FAO relacionada com questões pesqueiras; a sua preocupação polo desenvolvimento da actividade pesqueira e polo futuro económico da Galiza eram patentes em *Producción y fluctuación de las pesquerías* (Madrid, 1954) e *El sistema económico de la pesca en Galicia* (1958, Buenos Aires). Anos antes também, em 1954, fora o autor do primeiro tratado que se publicou no mundo sobre *Principios de Economía pesquera* (FAO, Santiago de Chile, 1954) fora como lembra X.-X. S. C. na *Enciclopedia Gallega*.

Pois bem, *Galicia como tarefa* inclui estas preocupaçons e, levado polo conceito de cultura que aqui ele mesmo manifestará, nom vai negligenciar, ao lado da atençom ao desenvolvimento social e económico da Galiza, a sua vertente cultural. Mais: como veremos, nom julgará alheia à cultura a vida sócio-económica da naçom. E será também em termos de processo e de progresso que encare a problemática cultural; cultura pois, “como proceso, antes que como estructura, si bien entre ambas formas del mismo ente exista una trabazón sustancial”.

Cultura dinámica, entom; criativa. Esse precisamente é o título dum dos parágrafos do livro. E afirmando com Hocart que “el elemento individual de cada uno de nosotros es muy pequeño comparado con el tradicional”, acrescenta:

“Acaso por la misma desproporción, la tradición se convierta a veces en el lastre histórico de la cultura desfasada. A lo largo de las edades, va sedimentando en el fondo nutricao de la memoria colectiva la experiencia perpetuable de la comunidad. Si este acarreo secular no se renueva, puede llegar a cegarse el curso vivo de la producción cultural”.

Aun sin llegar a la exhaustividad, pueden producirse situaciones equivalentes. Basta que el movimiento entre en las vías muertas del estancamiento, la insularidad mental, la imitación o la desviación de las esencias creadoras del progreso humano. Por algo se trata de un ‘sistema de comunicación intelectual adaptado a los fines de la sociedad’. Y no de la sociedad en general, sino de aquélla a que la cultura pertenece. De otro modo, las facultades de recepción anularán a las de creación, y se hará mínimo el beneficio social resultante”.

Olhar para atrás, mas sobretudo para adiante é o seu intuito (p. 129). Dinâmica, criação, renovação, palavras de ordem; renovação em tempos onde era habitual muitos considerarem que o Antigo era sinónimo de único genuíno; e só esse “único genuíno” era galego; onde se afirmava que a morte dum velho era a morte dum tesouro irreparável; a caminho de formar um povo de pasmados diante do passado, opondo costas ao próprio futuro enquanto o alheio entrava por todas as partes e fendas. De novo Paz-Andrade:

“[...] No es el camino recorrido el que ahora nos proponemos recorrer. No ha de tentarnos aquí el incentivo de la exégesis. Ni el sentido reconsagradorio de lo que fuimos, desde que los celtas poblaron la esquina más occidental del continente ario, el que ahora habrá de inspirarnos. Tampoco se trata de posponer los valores pernamentales que prestigian nuestra tradición cultural. Más bien de utilizarlos como índices de la vitalidad del país en cuanto la exposición exija apoyaturas testimoniales, sin caer en el gozo de la pura retrospección.

Más que volver la mirada al pasado, quisiéramos referirnos al presente. Y tratarlo como una operación en vivo. No como mero repaso de los tópicos conspicuos. Por eso, más que la revisión de los orígenes a través de los signos epigráficos, la impronta de Roma sobre el macizo galaico-duriense, la rebelión gnóstica decapitada por el hachazo de Tréveris, el movimiento de transculturación europea en torno al Sepulcro de Santiago, el auge gallego del románico y la escasa expansión del gótico, la guerra de la hoz de Rui Xordo por la liberación campesina, la alborada lírico-popular que clarea en los Cancioneros galaico-portugueses, la ondulación dulce y turgente del barroco sobre los granitos sagrados, o la restauración de la conciencia de unidad cultural con la generación de los Precursores... nos interesa en este trance la actualización del problema total. Su replanteo en términos de más palpitante e imperioso realismo. Con un propósito distinto al que ya puede considerarse cumplido, más brillan-

temente, por otros. Con el propósito de comprender, más que de ilustrar, el tema de la cultura gallega (128-129)".

"Con un propósito distinto al que ya puede considerarse cumplido", "comprender más que ilustrar"; é desse ponto de vista, realmente inovador no galeguismo, e nestes termos, da mesma maneira originais, que Paz-Andrade analisa o conflito cultural galego.

A cultura, a cultura galega, nom é entom e como conseqüência, umha contínua representação dos valores assinalados pola Tradição como essenciais. A ancilosada e preponderante concepção essencialista da cultura, encontra em Paz-Andrade umha reformulação drástica, onde o Passado é conjunto patrimonial só actuante quando integrado no processo cultural e assim concebido; o que para nada significa menosprezo ou indiferença pola cultura popular; polo contrário, ela é a garantia da genuinidade e identidade da cultura dum povo no seu conjunto:

Toda alta cultura debe coexistir con una cultura popular. Sin la segunda, por mucha calidad que la primera conquiste, será pura especulación" (p 161).

Daí se deduz, para o intelectual ou para o criador, um duplo papel: o de mediador entre a Tradição e a Comunidade, e o de inovador sobre esa Tradição. Curiosamente, na biografia de Valentin, em pensamento e obra, encontramos múltiplas provas desse empenho. A sua atenção, por exemplo à Ilustração galega, a biografia de Castelao, e as contínuas referências à história da Galiza evidenciam esse intuito transmissor. Por outro lado, o labor de acção-inovação patenteia-se na sua própria actividade profissional, cultural, linguística e literária, e, veremo-lo, no seu muito particular atendimento ao mundo lusófono.

Há ainda mais umha vertente em que o pensamento de Paz-Andrade sobre a cultura apresenta umha importante inovação, num ánimo integrador e globalizador da comunidade, neste caso a galega. É o referido à definição de que seja a cultura quanto ao seu âmbito. Para o pensador galego, a cultura nom é apenas a produção de objectos *artísticos*, nem a sua colecção, mas um sistema complexo interrelacionado com a dinâmica social, política e económica dessa comunidade; o que contribui a fixar, em suas palavras, o seu *o logos específico*, um sistema de expressão próprio, que, a seu juízo, é constituído na Galiza nos primórdios da Idade Média.

"Ninguno de los avatares del *homo galaicus* puede ser considerarse indiferente al esfuerzo cultural del país.

"Por consiguiente, todos los problemas relativos a la existencia gallega y de los medios en que se desenvuelve, deben nutrir e primer término la actividad cultural. Así los problemas en que juegan los factores formativos, como los que condicionan la suerte próspera o adversa de la población por imperativo de cualquier determinismo económico" (133).

Umha consideração da política, da sociedade e da economia vinculadas ao *ser cultura*, onde a língua joga um papel preponderante (p.146).

III.1.1. A “dimensom externa”: *a lusofonia*

E ainda há mais: dumha consideraçon da cultura como comunicaçon, como dinâmica frente ao estatismo, ciente das origens mas em contínua recriaçom frente a qualquer sorte de essencialismo, os elementos culturais, particularmente o *legado cultural*, nom som monolóxicos; nom som elementos dados e indiscutíveis, puramente épicos, mas elementos de diálogo. Um diálogo que se estabelece por sua vez numha dupla direcçom: a que sustentam os indivíduos dumha comunidade entre si (*interna*), e a que sustenta essa comunidade no seu conjunto, através dos mais variados agentes, com o mundo (*externa*); a cultura como possibilidade e maneira de relacionar-se com o outro, chave mesmo do Estado Espanhol com o mundo Latino-americano no seu conjunto, argumentará Valentin como vinteito anos antes figera Castelao nas Cortes Republicanas (p. 147)¹³.

Galiza nom é entom essência apenas, mas muito principalmente dinâmica; nom é pura produçom artística senom complexo sistema interrelacionado com outros; nom é simples veículo de consumo interno, mas necessário diálogo internacional. É, a partir de aqui, desta perspectiva da cultura e da cultura galega, onde aparece o mundo lusófono e todas as peças encaixam: ciente da especificidade cultural galaica, ciente das possibilidades da sua dimensom internacional, a obra de Paz-Andrade vai constituindo, desde as suas origens como director de *Galicia* até o seu livro *Galiza lavra a sua imagen* um *totum* coerente desfrutando dessas possibilidades e visando esses objectivos, nom entom com a congruência que deriva dum pobre catecismo, mas com a coerência feita derivar da solidez conceptual, da abertura sensitiva e da confiança nutricional.

Com toda essa bagagem reflexiva a que aludíamos, e nom com umha simples palavra de ordem, conforma Valentin a sua presença no mundo lusófono. É por isso que ela, nom sendo totalmente original, é particularmente singular; inserida na tradiçom galeguista moderna de há mais dum século, mostra-se surpreendentemente nova e inovadora. E, em minha opiniom, quem ler Paz-Andrade com alguma atençom, cedo pode captar, que há ali um galego que fala desde a Galiza inserido com total naturalidade na dimensom internacional galego-luso-afro-brasileira. Com efeito, percorrer a obra de Valentin revela esse dado substantivo, cuja aparente obviedade nom deve deixá-lo passar desapercibido: o *homo culturalis* que é Valentin, e que Valentin propom, que fala desde a Galiza, implica necessariamente falar desde o mundo lusófono; desde e num sistema intercultural que se constitui em património, veículo e interlocuçom em vários países do mundo. Nom é o seu um *estar* fora; nom ao lado; nom, muito menos, de costas; é um *estar em e desde o sistema intercultural lusófono*¹⁴.

Nas páginas de *Galicia como tarea*, e tras um breve excurso pola História da Galiza e a sua língua, em que afirma que a monarquia de Afonso Henriques, “había de asegurar definitivamente el porvenir del idioma. La corte hizo suya el habla del pueblo”, e repassa brevemente o seu decorrer, renova a doutrina histórica do galeguismo: “De este modo, el destino histórico de la lengua gallega no se ha frustrado, pero quedó escindido. Su supervivencia, expansión geográfica y apogeo como lengua literaria, oficial e imperial, resultaron asegurados por la secesión y subsiguiente independencia de la Lusitania en el siglo XII”.

Mas nom apenas é o mundo português o que ocupa o seu interesse¹⁵. É mui especialmente o âmbito brasileiro onde ele vê o futuro promissor de “el idioma de Camões y Rosalía”. Sobre o potencial do Brasil afirma:

“Basta tener presente el índice de acelerado crecimiento demográfico y económico del Brasil y valorar su porvenir como potencia mundial.

Imperativos de orden económico y cultural, le abrirán cada día mayores cauces para el intercambio, en los países anglo-sajones. Tiene, por tanto, brillantemente asegurado su destino entre los grandes idiomas atlánticos”.

Aí nom esquece Paz-Andrade para vencer inércias fruto de séculos de complexo, comentar aspectos relacionados com o pragmatismo e as possibilidades que enunciava, a que adiante nos referiremos. Neste sentido, e tratando da superior importância que concedia à dimensão internacional da língua, comentava (139 ss.):

“La jerarquía de un idioma no depende solamente de lo que fué a través de las edades. También proviene de su utilidad presente.

[...]

Tampoco depende esa jerarquía de la mayor identidad formal entre la rama originaria y la más evolucionada y extensa. Puesto que las diferencias de fonación y grafía no constituyen obstáculo grave para el recíproco entendimiento, la eficiencia del sistema en su conjunto debe considerarse plena. Y en su doble alcance funcional: como medio de comunicación y como instrumento de creación cultural”.

E combatendo igualmente as ideias que ainda circulavam sobre a “condição vernacular” do galego, somava:

“Que el mismo idioma se module con distinto acento y hasta con un cierto número de palabras y giros se pronuncien o construyan de manera diferente en Galicia, Portugal y Brasil, tiene una importancia secundaria. Nunca podrá explicar satisfactoriamente la desconexión práctica entre la rama galaica y la lusa, del idioma común. Y mucho menos, la orientación del problema, cerrando sus perspectivas dentro del marco regional y el concepto vernacular del idioma.

También la Unesco, en una reciente reunión de especialistas, ha establecido la definición en vigor de la “lengua vernácula.

Es la lengua materna de un grupo dominado social o políticamente por otro que habla una lengua diferente. No consideramos vernácula la lengua de una minoría de un país *cuando es la lengua oficial de otro país* [sublinhado de V.P-A.].

Por tanto, no puede parecer razonable cualquier tendencia que reduzca el problema a la rehabilitación literaria de una lengua retardada en su forma escrita, haciendo caso omiso, o poco menos, de la evolución que experimentó durante siglos de uso múltiple y pleno, fuera del área de origen. Mucho más constructiva sería la tendencia a la asimilación de las voces necesarias, cuyo uso es normal en la otra rama del mismo árbol lingüístico”.

Foi esta, nota-se nos seus escritos, uma das preocupações mais relevantes na obra de Valentin: a de que a Galiza daquele seu presente e do futuro devia pôr de parte com urgência o que ele percebia como ensimesmamento, o sentimentalismo como único modo de conhecimento, como perigosíssima tendência à resignação de quem só (mal-)vive no complexo e na secundarização, e tender ao reintegrationismo com o restante domínio lusófono. Podemos agora sintetizar como Paz-Andrade, quer no terreno da investigação e do ensaio, quer no da crítica artística ou na criação literária (como adiante veremos), e ainda no do jornalismo, mani-

festa três características fundamentais para a sua exegese no mundo lusófono que é objecto desta aproximação:

—a de assumir(-se) (n)umha Tradição¹⁶ e (n)um espaço cultural referencial que é o da lusofonia.

—a de desenvolver um papel de mediador entre os diferentes âmbitos lusófonos, facilitando a interferência entre eles, entendida a interferência como a intercomunicação entre dous ou mais sistemas culturais.

—a da procura da inovação dentro desse espaço.

— Um corolário:

Pouco depois desta *Galicia como tarefa* publica um artigo em *La Voz de Galicia* (7-2-60) em que foca exclusivamente o assunto lingüístico e cultural, vertebrando com elementos novos os seus argumentos. «La proyección espacial y etnológica de la lengua galaico-lusitana» é o título, algumas das suas palavras passando a ser recorrentes em trabalhos ulteriores. Porque neste, de nom mais de três páginas, están nom todas as propostas, mas sim todas as bases do seu pensamento sobre a normalização cultural galega: a de, sendo o mundo lusófono espaço talvez mais heterogêneo do mundo, o vínculo da língua comum oferecer o uso e desfrute de riquezas culturais de todo o tipo; a extraordinária dimensão do fenómeno, nascido à margem do poder político; o papel preponderante presente e sobretudo futuro do Brasil; as possibilidades que entende abrirem-se á Galiza se inserida nesse espaço cultural; o seu papel de chave entre o mundo hispanófono e o lusófono. Aparentemente, as mesmas idéias que apontara em *Galicia como tarefa*.

Mas, entom, o que motiva esse artigo? De princípio, a diferença é de «género», entre um artigo e um livro. *Galicia como tarefa* era um texto destinado à legitimação do galego e à sua reabilitação, no conjunto dumha mais ampla reflexão sobre aspectos sociais e económicos; era ademais um texto, publicado em Buenos Aires, surgido das conferências que em Sul-América ditara nos finais dos anos cinquenta; sendo um texto de propostas, era sobretudo um texto de estudo; um livro a que, como tal, é inerente a demora e a reflexão; o meio e o longo prazo; nom um artigo em jornal que pretende a intervenção pola sua própria imediatez.

Mas nom só. Em «La proyección espacial...» é sobretudo novidoso o peso dado ao valor da heterogeneidade do espaço lusófono e, como consequência, ao valor comunicacional directo que a língua permite. Dizemos 'directo' porque talvez essa seja a chave para entender este artigo de Valentin, que desde a Guerra Civil nunca se tinha referido de maneira expressa e explícita ao espinhento (sem dúvida polas circunstâncias pessoais e políticas) problema do idioma. Será precisamente o contacto com a população brasileira o que determina a paixão que o artigo manifesta. Certamente, Paz-Andrade já conhecera brasileiro na Galiza, como Guilherme de Almeida, e tinha viajado ao País de Ultramar em 1950 e, naturalmente, em 1957, em que dita as conferências que darão corpo a *Galicia como tarefa*. Mas, ao que parece; nunca tinha experimentado a possibilidade de que «un labrador de Casterverde pueda dialogar con un 'facendeiro' de Río Grande do Sul;

que un minero de Silleda pueda entenderse directamente con un ‘garimpeiro’ de diamantes en Corguiño ou en Rochedo (Matto Grosso); una pescantina del Berbés de Vigo o del Muro de La Coruña, con una ‘varina’ de Peniche o de Porto Alegre; un intelectual luso-galaico con un ‘brugre’ del Matto Grosso». É pois a sua particular descoberta do Brasil (sempre é brasileiro o interlocutor dos exemplos que refere) o que sem dúvida está por trás das suas calorosas opiniões. “La proyección espacial...” constitui-se enfim como síntese e conclusom da dinâmica cultural que Paz-Andrade propóm em *Galicia como tarea*, que, repare-se ainda, estava sendo publicada por fascículos em *La Noche* desde o 3 de Dezembro de 1959, enfim, desde apenas dous meses antes. Mais do que as suas viagens anteriores, incluída a das conferências, é a que realizou em Novembro e Dezembro de 1959 a determinante para perceber a génese deste trabalho; conhecemos essa viagem e o seu destino pola carta que a 13 de Novembro de 1959 escreve a Díaz Pardo, Valentin desde Madrid, onde espera embarcar para o Brasil (p. 136):

“Cando ti pases por Santos o 8 ou 9 de Nadal, é bastante probable que eu me atope no Brasil. Teño que intentar en Campo Grande, Matto Grosso, resolver pol-as boas, ou as outras, unha desavenenza familiar en torno a unha herenza importante. Pol-o asunto de que antes falei non poden sahir denantes, e estou aranxando todo pra voar do 25 d-este mes en adiante, para estar fora duas semanas. Pol-o tanto estarei de volta denantes de que ti chegues a Vigo, onde teréi o pracer de darche a aperta de benvida, cecais iniciada en São Paulo ou Santos”, Madrid, 13 de Novembro de 1959”.

São Paulo, Santos, e, polos vistos, sobretudo Matto Grosso é a paisagem e a interlocucom humanas definitivas no artigo do advogado e economista, e o que o singulariza a respeito do livro anterior.

III. 2. A producom literária e a sua homologia com a actividade no campo intelectual: *Sementeira de Vento*

A actividade ingente e polifacetada de Paz-Andrade deixou ainda espaço à criaçom literária. Este nível é, digamo-lo vulgarmente, umha prova do 9 do discurso que antecede. O literato, de quem se espera vocaçom universal, tem perante si um conjunto vastíssimo de elementos, materiais com quê construir a sua obra. Nom apenas aqueles que som denominados “conteúdos”, nen tampouco só os que o estruturalismo felizmente passado chamou “forma”, mas o *totum* da comunicaçom que a proposta literária tem. Aí Paz-Andrade mostra-se autor desde o sistema intercultural lusófono; sem renunciar ao universalismo e à pluralidade de saberes, Paz-Andrade concebe o seu espaço comunicativo e as referências que como próprias o nutrem dentro do sistema lusófono, combinando o genuinamente galego, assim procurado conscientemente, com os elementos nutrícios que transfere do mundo português e brasileiro, autor e mediador, porque nos seus livros están poetas e escritores lusógrafos, trazidos a sentido paratexto ou entom directamente falando a quem lê desde o espaço que Valetin lhes reserva ou lhes reclama.

O primeiro livro de poemas da personagem objecto do nosso estudo é *Sementeira de Vento*¹⁷, de 1968. Poderia parecer arriscado ver já no título alguma relação com o pensamento que de Paz-Andrade vimos expondo. Nom o pensamos assim. Parece-nos ainda que existe umha homologia estrutural (a que pode deri-

var-se da intervençom em campos diferentes mas em alguma medida afins) entre a sua actividade literária e a sua reflexom crítica e teórica. Poeta em boa medida do mar, na sua obra trasparece essa dimensom de empreendimento e internacionalidade que referíamos a propósito da sua participaçom no campo intelectual. Dentro de “Cantarol do mar”, as suas “Boas-vindas, mariñeiros” (pp. 57-8), é como um lema sentimental, e cultural, e de empresa. No poema II, “Bem-chegados” fala desse mar no “Hemisferio que o noso irmao abraira”; e em “O Farol de Montedor” (73), datado no Porto, escrito na hora do solpor, quando “calaran os minhotos campanarios”, desfilam ante o leitor Henrique o Navegante, Camões, Dom Dinis ou Dom Sebastião, toda a epopeia marítima em definitivo do País irmao que Valentin canta e sente seu.

O poemário respira esta classe de evocaçoms. Nom falta o Brasil ao encontro (103: “As miñas horas sin ti”, São Paulo, 1959):

“Mañáns do Matto Grosso,
co sabiá cantor nas mangabeiras,
fatos de garimpeiros aos diamantes,
vaqueiros e boiadas
ao trote nas veredas do sertao”

O livro, ilustrado por Laxeiro e editado por Salnés, de Vigo, introduz já desde o início nesse ambiente de abertura na lusofonia; com efeito, os versos som antecidos dumha “Carta-prefacio” de Guilherme de Almeida, “Príncipe dos Poetas do Brasil”¹⁸, assinada em São Paulo a 20 de Outubro de 1967. Na carta refere-se Almeida à poesia de Valentin, “nosso sangue, um mesmo sangue, da matricial Galisa aos filiais Portugal e Brasil ritmadamente fluido”,

E acarreta sentidas palavras sobre a poesia e as palavras de Valentin:

“sinto-a em mim palpitante mas intangível”; “somos irmãos, Valentin”,
e dados de interesse:

“Foi daquêle seu Vigo de 1933 -donde vi você trovar e vi Colmeiro lavrar- que me veio a veia alimenticia dêsse sangue; assim como daquêle reino onde teve a sua côrte Dom Denis. Rei Trovador e Rei Lavrador”.

Eis o mundo lusófono reunido; e eis o papel de mediador a que antes aludíamos de Valentin; afinal, aquela pendor brasileiro vinha também já de antigo..., quando já Guilherme de Almeida se consolidara como um dos poetas e intelectuais mais importantes do século XX brasileiro.

III.3. A evolución trans-continental da língua galaico-portuguesa / *La marginación de Galicia*: síntese e projecto do pensamento pazandradino

Nesse mesmo ano, verá a luz outro dos escritos fulcrais de Paz-Andrade para o tema que nos ocupa. Trata-se do texto *A evolución trans-continental da lingua galaico-portuguesa*¹⁹, texto que juntamente com outros é publicado em Lugo por iniciativa do Círculo de las Artes. O título genérico proposto polo “Círculo” aos autores foi o de *O Porvir da lingua galega*, e, como se pode deduzir polo rótulo empregado polo autor de *Galicia como tarefa*, o seu trabalho vai girar em volta das

reflexons que quase dez anos antes formulara. Para já, o seu texto abre cum para-texto de Olavo Bilac, talvez o poeta brasileiro mais conhecido e difundido polo galeguismo de pré-guerra: “Amo teu viço agreste e teu aroma de virgens selvas e oceano largo, ámote, !o rude e doloroso idioma!”, transcreve Valentin. E, a partir daí, e após reflectir resumidamente sobre a teoría da linguagem e as funcións da língua com Croce, De Mauro, Novalis, Jevons, Marshall Urban e Hegel²⁰, necesario preámbulo para o desenvolvemento das súas ideas, começa a súa defensa da necesidade reintegracionista para o galego. Na lingua, diz Hegel e retoma Valentin, “actualízase a cultura”, notando que:

“A imaxe do que unha lingua foi ou deixou de ser no percurso das edás, non se debra interpor na comprensión do seu destino. Tampouco debera reducir o recoñecemento da capacidade funcioal que teña, no orde daqueles fins, ben ao presente ou ben car-o futuro. Aínda que viñera remontando o ‘rude e doloroso’ proceso que ecóa no verso de Bilac”.

Já conhecíamos estas ideas do intelectual galeguista, agora talvez formuladas em síntese mais perfilada. Mas repare-se em que Paz-Andrade está a responder, em tempos bem duros como os da Ditadura, à pergunta sobre o porvir da língua autóctone, e ele aí nom se deixa guiar nem polo lirismo nem polo dramatismo; nem pola imediatez de pensamento e visom; antes polo contrário, fiel ao seu ideário, já fixado publicamente anos antes, e talvez também ao seu carácter, olha o problema em termos positivos e de acçom; e com força e firmeza; os parágrafos a seguir som fulcrais para o entendimento da concepçom pazandradina:

“Da teimosía n-unha óptica revirada ao pasado ningún proveito podera agardarse. Con concencia do mal, ou sin ela, semellante visión é a que mantén aínda hoxe, envolto n-un senso reverencial de reliquia, ao idioma galego.

[...]

Temos diante de nós un “status” posicioal vicioso e falaz, que algún día entrará no desxelo. Mais pra conquistar tan lexítimo obxectivo, non abonda co-a denuncia isolada e teórica. Cando menos si se exerce com-a deica agora, arrequecida nos sentimentos reivindicativos, e pouco mais.

Recuncando n-este xeito de obrar, é ben seguro que non se vencerá a xordeira das esfinxes entronizadas. Mais a cousa podería mudar de vez, si fóramos libres d-abondo pra ligar o problema do idioma, a un pensamento social moito mais que á reacción sentimental”.

Ecoam, sem dúvida, palavras suas nom já de dez, mas de quase quarenta anos antes; mas também é verdade que agora a formulaçom ganhou em solidez conceptual. Venhem depois mais umha vez trechos sobre a história da língua, onde aparecem os mesmos espaços e personagens que na sua poética. E tampouco está ausente a preponderante dimensom externa que ele dá à língua “galaico-portuguesa” como gosta de denominá-la:

“(120) Con ela [a grandiosa aventura mundial que viña chamado a correr o primoxénito do latin] fíxose adulto como idioma do mundo moderno. Do mundo do que céu das Descobertas, en sorte parella co castelán. Non se pode esquecer que despois, a existencia externa do galego resultou condicioada pol-o fondo ecolóxico e vivencial d-outras terras, outros climas, outras razas... E que un idioma “est né de la vie, comment la vie, après l’avoir créé, l’alimente”. (Henri Berr).

(121) Non podían deixar de producirse influxos, e adaptacións, chamados a disminuir a identidade formal, entre a ponla primitiva e a fortemente evolucionada e longal. Mais unha e outra pertencen ao mesmo albre lingüístico. As diferencias de fonación ou de grafía non son barreira infranqueable pro entendimento recíproco. Non anulan, nin moito menos, o valimento do sistema común, nin como meio de comunicación, nin como “outillage mental” da cultura.

Sô desrespeitando o resultado histórico de tan fecunda andadura se pode deixar de comprender que hoxe pouco representa o destiño autónomo da fala galega. O que importa, por enriba de todo, é o destiño conxunto da lingua galaico-portuguesa. A integración e desenvolvemento d-un dos grandes dominios lingüísticos da civilización atlántica.

Naturalmente, o Brasil, com o seu potencial humano e socioeconómico, tem nas suas palavras um papel de destaque, a que soma Angola e Moçambique, preanunciando a sua rápida descolonização, que haveria de concretizar-se poucos anos depois. Compre engadir que, entre o continxente super.maioritario do Brasil, e o núcleo orixinario, aquelas desemeallanzas son minguadas. Maiormente no idioma escrito. O exemplo da prosa de Guimarães Rosa, entre outros menos ao día, constitue o mellor testemuño pra reforzar a nosa apreciación.(119).

(120) Os datos que describen o expandimento xa arrecadado pol-a lingua galaico-portuguesa son impresioantes. Mais o son moito menos do que terán de ser ao cabo d-algúns decenios”.

Depois de defender as possibilidades da “lingua galaico-portuguesa” como meio de comunicação de milhons de persoas distantes por climas, credos, raças, costumes, continentes, hemisférios, paralelos, meridianos, ... mas unidos polo idioma que fai possível o entendimento “labrador de Castroverde poida parrafear c-un «facendeiro» de Río Grande do Sul” (124-5). Denomina a língua galaico-portuguesa “chave de mundos fechados”. Chave derivada da sua experiência (Paz-Andrade andou muito tempo por terras brasileiras nos anos cinquenta):

“Ningún experimento mellor que o de mergullarse por certo tempo n-esta estalante bolsa do orbe, escoitar a disforme cadencia dos seus latexos, tomar o achego dos feitos violentamente diferenciaes, para coñecer a percusión, profundamente humán, do fenómeno socio-cultural a que me veño referindo. Hai xa algúns anos percorrín, cuase de ponta a ponta, a xeografía lingüística galaico-portuguesa. Poucos ensiños mais fecundos pra un galego de hoxe, que o recibido da comunicación na sua lingoa, cos inmigrados xaponeses radicados en Campo Grande ou Cuyabá, ou explorando a y-alma dos tupís-guaraníes que baixan da tribu ao mercado das cidades por citar sô dous exemplos”.

Note-se que este tipo de discurso e defesa da língua produz-se em momentos de extraordinária precariedade no mudo intelectual galeguista, ainda mais no interior. Nessa altura, nom há na Galiza nengum partido galeguista constituído, e a actividade cultural encontra-se francamente limitada a algunhas editoras que procuram publicar *em* galego. A dimensom da língua e os seus processos de normalização nom conformam, na altura, nengum. A “viragem brasileirista” que Valentin propom é novidosa quando colocada por ele no centro das preocupações galeguistas, tanto mais quando Portugal é igualmente um País, como o galego, vivendo sob um regime ditatorial. Valentin dirige indirectamente o conjunto da sua argumentação ao Estado Espanhol e principalmente aos seus concidadaos galegos, fazendo ver a utilidade e o interesse da sua proposta, do idioma como chave, no sentido em que atrás o referimos (126):

“Non debера botarse a esquecemento, o fenómeno de subordinación entre o florecimento das linguas e o desenvolvemento das sociedades a que veñan incorporadas. Aínda que da parte do Estado se persistira en abandonar o galego a súa sorte, a lingua extravernácula seguirá evolucionando e mellorando súas marcas nos territorios que a profillaron. De xeito que a-o descoñecer éste proceso multiplicador, sin proporcionar a Galiza axudas pra acompañal-o, serán tamén os intreses xerais de España os que resulten danados. Sufrirían a perda da mellor vía de influencia humana, económica e cultural, no trópico ultramarino”.

É neste contexto practicista que defende a presenza do galego, idioma quase prohibido em todos os seus ámbitos, no ensino.

No ano 1932 Risco comentava que o nacionalismo galego, sem Portugal, nom passaria de um “preito provincial”. “Pleito rexional” é a denominação que Paz-Andrade usa para referir-se ao desatendimento da dimensão externa do idioma. Nas suas palavras parecem estar presentes as incipientes tendências do galeguismo pinheirista (e nom só) no sentido isolacionista do galego, assunto que se manifestará com força uns anos depois^{20bis}. A elas é possível que estejam dirigidas em geral muitas reflexões que antecederem; em concreto estas (128-9):

“Virando de seguido o anteollo pra cara interior do tema, aínda pode haber algunha cousa a perceber. Arestora como denantes, o da lingua ven entendéndose sô com-a un pleito rexional, sin implicacións colateraes. E tamén, por decontado, sin nutril-a defensa co-a exccutoria que o idioma, desdeixado na casa, conquerú por fora.

Semellante rotina herdada, non somentes empanicóu a verdadeira visión do problema. As veces até levóu a supervalorar os factores de variación advindos entre o portugués e-o galego, brazos dereito i-esquerdo do mesmo corpo. De éste xeito, dentro da Galiza, ficóu reducida a verdadeira talla do asunto. E tampouco se fixo luz d-abondo sobre a natureza e accidentalidade das diferencias fonéticas, sintácticas ou ortográficas, non obstativas pra comunicación ordinaria no ámbito da comunidade lingüística.

Certo que a condición rexional do pleito ten outra razón próusima. Por sabido que na sub-estimación da fala propia, a partir da escola, atopan seu alcaloide mais enérxico, as reivindicacións galegas. [...].

Mais nos termos d-unha demanda tan lexítima non se encerra todo. Xuntamente con ela temos de xogar outra carta. Aquela que se baraxóu no proceso f'orizo de evolución da lingua, e levoun-a ao nivel d-espallamento trascontinental que hoxe ten.

Cando esta fazaña estear, carregada de contido social vivente, se valore na súa verdadeira magnitude, a perspectiva tradicioal que ten o problema cederá a mellor. Mais non se pode agardar que mude por fora, se non empeza a mudar por dentro”.

Tradição e Modernidade voltam aqui unir-se, agora a propósito da questão lingüística. Repare-se em que nom há um praticismo a-reflexivo no pensamento de Valentin: as suas ideias sobre os problemas culturais surgem derivados da sua concepção teórica sobre, neste caso, a cultura. A Tradição oferece garantia de genuinidade, como a modernidade contribui à comunicação activa, à riqueza e à sobrevivência. Paz-Andrade propugna, para o alargamento comunicativo e a solidez identitária do idioma que este transfira do mundo lusófono, do património comum entom, os elementos que a esse fim sejam precisos. Ao falar das “variacións na unidade” (129), e depois de indicar que surpreende a diferenciação das variantes da língua nom ter chegado a mais, afirma (130):

“D-unha mais chea interpenetración do galego no portugués, ou as avesas, sô ventaxas comúns poderán colleitarse. No primeiro ainda mana a fonte hoxe con mais caudal que en ningún tempo. Ainda garda no fondo do manantial a soleira da fala. No segundo, latexará sempre o pulo ensanchador dos dominios da lingua, a forza do constante anovamento. Da dobre conxungación do mesmo verbo poderían agardarse ainda acentos endexamais ouvidos”.

Note-se que este outsider vai ocupando posições de vanguarda no campo intelectual galeguista, longe do grupo dominante e por isso com pouca capacidade de influência: Valentin nom tem exército: esse o seu défice.

Já se ouviam vozes que reclamavam ser o peremptório a questom da normalizaçom e depois a normativizaçom, e argumentavam com a história genuína do galego e o assunto de el ser a fonte da língua. Anos antes, e relacione-se estas reflexons de *A Evolución* com aquelas sobre a hierarquia da língua em *Galicia como tarea*, já denunciara as atitudes ao seu entender paralisantes e cativas que entendiam o idioma de maneira patrimonial exclusivista (como acabaram por fazer alguns portugueses a respeito dos brasileiros), no alegado orgulho da sua pretensa fidelidade às origens (aí está outra vez a vertente apenas sentimentalista e acomplexada que sempre critica Valentin), e que nom reparavam, a juízo de Paz-Andrade na degradaçom do idioma nem na insuficiência do seu estado para toda a expressom intelectual ou artística, impossibilitada a sua evoluçom durante séculos, e nutridos os seus vazios com o espanhol. Estas perspectivas aparecem nítidas na sua proposta de unificação lingüística em “Galiza e a evolución”, com que encerra o seu artigo (131-132):

Partindo das premisas que nos impoñen os feitos consumados, pode chegarse axiña ao punto crítico? Qué camiño debe escoller Galiza pra-a axustar a futura evolución da súa lingua? A pregunta presupón que o porvir da nosa fala, non pede somentes dos factores alleos que veñen interferindo a sua rehabilitación en cheo? Non pode d-algún xeito estar recramando certa virada no rumo da política interna do idioma?

Unha é a evolución continxente que deica agora seguíu. Outra a que en adiante deba ter. Ainda que a opción non veña por primeira vez ás nosas maos, podemos estar chegando ao intre no que deba ser exercida. O galego ha de seguir mantendo unha liña autónoma na sua evolución como idioma, ou ha de pender a mais estreita similaridade co-a lingua falada, e sobre todo escrita, de Portugal e-o Brasil? Os termos da cusion non deben ser tomados no senso de que o galego, pra marchar en maior irmandade formal co portugués, teña que deixar se ser o que é.

Non se pretende chegar a unificación literal. Mais trátase de conter a disociación, facendo os axustes necesarios pra aproveitar as ventaxas mútuas que un intertroque permanente podería proporcioar. A ninguén se lle oculta que, da parte da Galiza, hai a gañar moito mais que a perder, si a relación entre unha e outra fala se avivece e sostén.

Non sô pol-o perfeccionamento que se acadaría prô idioma como meio de comunicación debido ao maor uso na área falante do portugués. Tamén porque abriría pra nosa produccion literaria un mercado de posibilidades mais alá de todo cálculo. E ainda, como recíproca doación, o enriquecimento léxico-gráfico que derivaría, por unha banda do mais íntimo achego ás fontes, e por outra, da familiarización galega c-unha literatura de calidade e alento humano extraordinarios, como é n-este intre a que se fai no Brasil.

O cadro xa é hoxe ben tentador. Moito mais o será deica poucos anos, pol-o camiño que leva o mundo”.

Os mesmos argumentos aqui expostos nutrirám o livro *La Marginación de Galicia*²¹, na editora Siglo XXI de Madrid, dous anos mais tarde. Um livro entom que alarga o seu ámbito ao espaço do Estado Espanhol, e ao domínio lingüístico hispanoamericano, onde devemos incluir nom poucos leitores galegos a quem livros como o do “Círculo” nom chegariam, ou que nom estariam interessados nem habituados a ler em galego. Para este último aspecto Valentin serve-se como anotávamos, e quase em sistemática tradução, das ideias expostas em *A Evolución*.

Mas nom é idêntico, nem muito menos. Convém indicar aqui, embora sinteticamente, que *La Marginación de Galicia* é um livro em que som focados problemas sociais, económicos, políticos e culturais da Galiza. Portanto a presença aí da “questom cultural” reforça a visom integral e interrelacionada que Paz-Andrade pretende desde polo menos *Galicia como tarea*, e que, por isso mesmo, eleva a tal “questom cultural” para o/a leitor/a ao espaço do debate sobre sobrevivências e necessidades, nom apenas entom como apêndice de maior ou menor importância.

Talvez por isso também apresenta umha mais demorada e ainda mais documentada atenção em alguns assuntos (como o da história da língua, capítulo inicial onde começa por argumentar com o Padre Feijóo «que el idioma gallego y el lusitano son uno mismo») ou o dedicado a “composición de la comunidad lingüística”, p. 102 ss., que inclui mapa e estatísticas de “La lengua de Camões y Rosalía”). Este capítulo ganha assim em formulação rigorosa e objectivista, abandonando aspectos externos de maior polémica, derivados talvez tanto da conjuntura como do carácter imprimido ao livro. Assim mudam títulos como “As tres linguas marxinadas” que passam aqui a “periféricas” ou “A supervaloración de variantes” que substitui a “O Pleito rexional”, por exemplo; e aparecem epígrafes como o dedicado a “La Escuela y el bilingüismo”.

É em todo o caso um livro destinado mais dar a compreeender que a litigar. E isso sem abandonar, muito possivelmente, o destinatário que definia *A Evolución*: sem dúvida os galegos, e mais particulamente o galeguismo: som muitas as referências particulares (mesmo a persistência da proposta de unificação da escrita: “La evolución a esperar”) que assim o parecem testemunhar; ele mesmo justifica a reiteração, escrevendo num dos capítulos iniciais, “El servicio a la civilización” (106):

“La magnitud del fenómeno que venimos estudiando permanece más o menos subestimada, cuando no ignorada, Razón por sí misma suficiente para insistir en la revisión del tema”.

Onde, em *A Evolución*, o seu equivalente “Os froitos de transculturación” (123) era desta maneira introduzido:

“A magnitude do fenómeno que vimos estudando, xustifica que levemos un pouco mais lonxe ésta pequena esculca”.

III.4. *O Pranto matricial*: convocatória de identidades

Na Galiza do ano 1975, em que se cumpriam vintecinco anos da morte de Castelao, forom várias as tentativas de comemorar aquela morte. Os tempos permitiam umha mínima possibilidade de fazê-lo e foram diversas as instituições e

persoas que se debruçaram sobre ela. Naquele vértice de tantas cousas, em que alguns intuía menos talvez do que desejavam alguma mudança radical e próxima, Valentin reedita o seu *Pranto Matricial*, mas agora com a particularidade de ele aparecer em edição pentalingüe. Há aí, sem dúvida, uma mensagem de fraternidade com as restantes línguas do estado (espanhol, catalão e euskera); e há também uma pronunciação de mais profunda irmandade com a área lusófona; pudera parecer que a adaptação do texto à norma brasileira (neste caso) seria uma prova de distância e diferenciação. Nada mais longe; não condiziria ela com as ideias tantas vezes expressas por Valentin; antes pelo contrário era para a unificação que tendia, como vimos, o seu pensamento. Ela deve ser entendida, em nosso parecer, como a reclamada presença dessa irmandade a que nos referíamos. Não é esta uma presunção; o sentido esclarece-o o autor do texto em norma brasileira, Guilherme de Almeida, a quem Valentin cede a palavra (caso que não se dá com os tradutores do poema) na página 28:

“É esta a grande elegia pranteada por Valentin Paz-Andrade, em Memória de Castelao (Alfonso Daniel Rodríguez Castelao), símbolo que foi da sua Galiza, e no exílio ‘finou em Buenos Aires o 7 de Janeiro do 1950’. Escrito em galego, e já vertido ao castelhano por M^a de Villarino, recebo agora o comovido poema para o seu tratamento em português; dever que me impuz com o pensamento e a vontade de prestar homenagem a Castelao e Paz-Andrade (muito amigos meus desde os idos de 1933) e de determinar a umbilical similitude entre o tronco e o derivado, a denunciar a perenidade do galécio-português, vera fala da Raça”.

E não será esta a única presença da área lusófona, para além do próprio autor; não a sua única mediação. O livro abre com a transcrição manuscrita dum poema da autoria de Ângelo César, empresário e poeta português²², como o galego, e a quem aquele dedica, entre outros, estes versos:

“Ao Valentin Paz Andrade, irmão
galego, irmão querido, limpando
as lágrimas que o seu Cântico
de Castelao me fez chorar”

Concluindo com

“Também espero o vosso Castelao!”

IV. O APÓS-FRANQUISMO: PRÁTICAS, CONVITES E CAMINHOS POR PERCORRER

Os anos setenta, nomeadamente os subsequentes à Ditadura, registam uma formidável acção em Paz-Andrade, tanto política como editorial. Anos em que publica em “Estudios Regionales”, de Madrid, *Transferencias etnológicas de Galicia en el Brasil Ulterior*, artigo em que estão presentes muitos dos elementos que dois anos após integraram *A Galecidade na obra de Guimarães Rosa*, e cuja análise por isso omitimos. Prosseguia também a sua actividade sobre economia e pesca, e agora era a acção política a que vinha somar-se a tanto empenho. Em 1976 e 1977 fará parte representando a Galiza da <Comisión Negociadora de

Oposición con el Gobierno Español», umha das plataformas opositoras formadas na altura, e nesse último ano será eleito senador por Ponte-Vedra. Um ano mais tarde verá a luz em *Testemuñas e prespectivas de homenaxe ao Seminario de Estudos Galegos* (umha das tantas colaboraçõs com Isaac Díaz Pardo) o seu trabalho *O modelo federal para a constitución do Estado Galego*.

IV. 1. *A Galecidade na obra de Guimarães Rosa*. Um convite e umha convocatória na lusofonia

Foi, como se vê, a sua constante reflexom sobre a Galiza como projecto de futuro, pretendendo nos seus escritos deixar constância dum entendimento global da questom galega, interrelacionando os diferentes campos em que considerava que o nosso País se jogava o seu futuro, umha das principais linhas de força do trabalho intelectual de Paz-Andrade. Aquela concepçom da cultura que referíamos páginas atrás como lugar e efeito da interpenetraçom das actividades humanas passadas e presentes, em permanente dinamismo e diálogo com a Tradiçom e o Presente conhece talvez na sua actividade crítica a mais acabada expressom. E é igualmente esse espaço de trabalho onde podemos atestar a consideraçom e o uso “pazandradinos” do mundo lusófono nom galego como património cultural próprio, contínuo conjunto de referências, território cultural por onde passeia o escritor apanhando os elementos que precisa ou deseja para incorporá-los como seus ao seu mundo. É assim como, ao nosso entender, pode (e deve) ser compreendido o seu interessante e pioneiro trabalho sobre a galecidade de Guimarães Rosa. O interesse pola obra do brasileiro, a quem nunca Valentin conheceu, vinha de longa data, polo menos desde os anos sessenta, como o próprio autor testemunha em *A evolución*. Ela, *A Galecidade*, é umha obra concebida desde a lusofonia que manifesta no seu modo e objectivos (eis ao nosso juízo um dos elementos de maior interesse) o modo e objectivos que sustentam a actividade lusófona de Paz-Andrade. E manifesta umha evidente homologia entre a sua posiçom no campo intelectual galego e lusófono e o modo da sua tomada de posiçom através do texto. Dito por outras palavras, o intelectual galego trabalha a obra de Guimarães Rosa como nutre e concebe a sua actividade intelectual a respeito do mundo lusófono. A sobrevivência da raiz galega nesse mundo (em concreto na de Guimarães Rosa) nom vai aparecer apenas como resto de primitiva unidade, nem pitoresca exotizaçom, mas como forma transmitida, viva e actuante da comunidade que hoje partilha o nosso idioma comum.

*A Galecidade*²³ traz, por mao de Valentin, contínuo mediador^{23 bis}, outra ilustre figura da intelectualidade brasileira à leitura galega; trata-se de Paulo Ronai, autor do prólogo, e amigo já de Paz-Andrade, com quem afirma ter visitado Vigo, Ponte Vedra, Baiona, Santiago²⁴. Nele, Ronai sublinha a originalidade, mestria e fecundidade da obra do galego, num caso aliás tam polémico e difícil como o que enfrentava, a língua de Guimarães Rosa; ao mesmo tempo, o estudo de Paz-Andrade é um novo motivo de encontros e afinidades:

“[...] O nosso autor soube encontrar um novo ângulo de abordagem, o da galeguidade de Rosa, que ninguém podia enfrentar melhor do que ele. Na leitura de *Grande Sertão: Veredas* e dos outros livros rosianos depararam-se-lhe inumeros elementos que evocaram irresistivelmente a Galicia: suas vozes, seus modos de falar e

de sentir, seus costumes, seus ritos e crenças, seus viventes e seus objetos. Encontro tão freqüentes e insistentes que o levaram a empreender uma ampla investigação, não já de influências, mas de identidades.

Nom de influências mas de identidades. Falar de influências seria presumir as distâncias, físicas, mentais culturais e sensitivas que a seta influente tem de percorrer. Falar de identidades é cousa diversa: é falar como anos antes figera Guilherme de Almeida ao introduzir a sua versom do *Pranto Matricial*; falar desde o mesmo âmbito, com distinto acento o mesmo instrumento. Esta classe de perspectivas som as alimentadas por Valentin no seu papel de mediador sendo esta umha das suas principais feições reflexivas sobre a lusofonia, como vimos.

A essa comunidade de pessoas em que Paz-Andrade medeia e a que contribui soma também a comunidade de assuntos e perspectivas, permitindo integrá-las no e como património comum. Assim o vê igualmente Paulo Ronai:

O meio montanhês de Minas Gerais, longe da costa, conservado em suas essências graças ao isolamento, onde se desenrolam as 'estórias' de Rosa, contadas com incrível riqueza de pormenores guardada pela memória infantil, assim como o esforço consciente do escritor para voltar as raízes da língua procurando-as na fala dos simples e ingênuos, tornam essa ideia justificada e fecunda em resultados" (pp. 6-7).

O livro começa por umha exploração das origens e ontologia da Galiza, acompanhando a produção fundamentalmente portuguesa e brasileira sobre o assunto; assim recorre a Joel Serrão (*Cronologia Geral*), António Sérgio (*Breve interpretação e Introdução Geográfico-Sociológica*), o *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa* de Nunes, textos de Teófilo Braga (entre os quais o célebre "Da Galliza recibimos lingua, poesía e aristocracia" do estudo preliminar ao *Cancioneiro Portuguez da Vaticana*), que lhe era tam caro; cita igualmente Gilberto Freyre *Aventura e Rotina* e Euclides da Cunha: "Quanto ao facto aristocrático da nossa *gens* o português nos liga a vibrátil estrutura intelectual do celta..." (de *Os Sertões*). Com esta importante bagage vai aproximando-se do peso que o elemento galego deixou nos ramos futuros da cultura comum. Recorre entom ao Prof. Rodrigues Lapa e as suas *Lições* (p.16):

"Polo que a lingua atingue, e a poesía -para o caso non dissociables-, outro crítico luso, o prof. Rodrigues Lapa, tense adiantado a soster:

«...as primeiras manifestações de arte trovadoresca, e ate os maiores trovadores, tirante D. Diniz, acusan o predominio do elemento galego sobre o elemento português»".

Com profunda e pertinente erudição, outros autores que se referiram ao assunto, em que pretende alicerçar o seu estudo, som convocados (p. 16):

"De Portugal, como «nascido no século XII en un ángulo da Galiza», escrebe Herculano. Composto «con un retalho de Galiza», fala Oliveira Martins. Da Galiza como... «prolongamento do Norte de Portugal», trata ainda Silva Teles»".

Cita também Damião Peres e Jaime Cortesão; e ainda *Armas y Triunfos de los Hijos de Galicia* do seiscentista Fray Felipe de la Gándara. A exegese histórica continua polos finais da Idade Média, falando da participação galega na empresa marítima portuguesa (pp. 17-18), o que justifica em sua opinião as palavras do

primeiro Conde de Gondomar, don Diego Sarmiento de Acuña, em carta a Andrés de Prada, secretário de Filipe II:

“Gallegos son toda la nobleza y conquistadores de Portugal, y los que no descienden de gallegos descienden de moros, porque en aquellas comarcas no había otras gentes, ni el Conde don Enrique, ni el Rey don Alfonso el I, su hijo, las llevaron de otras partes, más que de la parte entre Duero y Miño, que era Galicia”.

O livro avança entre considerações da unidade lingüística galego-portuguesa apesar da separação do século XII (“a comunidade lingüística mantúvose. A invariante estrutural se non cuarteia e aínda agarda a súa era de apoxeo unívoco”), o entendimento de *Os Lusíadas* como “tan galego como português”, polo seu léxico (20), e a expansom da língua com a descoberta do Brasil (20):

“Ao mesmo tempo o idioma, xa de cheo desenvolvido na función oral e na escrita, e mantendo toda a súa unidade na estrutura, afronta a fazaña da penetración frontal no conxunto multiracial indiano. É precisamente aquela senlleira esperencia, en tanto engloba unha transmisión da lingua a determinado nivel, e d-outros elementos etnográficos, aínda sobreviventes, o que fixo posíbel no noso tempo o milagre literario de que foi protagonista João Guimarães Rosa”.

Ainda dirá algunhas palabras sobre “Apelidos de linaxes medioevaeas galegos tranferidos aos territorios descubertos por Portugal” (21-23). A *Galecidade* vai constituindo assim um sintético mas bem documentado percurso pola afinidade galego-luso-brasileira dos tempos passados até desagüar em Guimarães Rosa de quem, como do Brasil, fala com grande paixom e emoçom lírica visando sempre o laço galego-brasileiro:

“A criatura viñera ao mundo no ano 1908. Certamente o 27 de San Joán. Cando non enfriaran de todo as cinzas das fogueiras que alí, como na Galiza, se acenden na vispra da festa”,

dirá a páginas 31, para afundar na origem familiar “galaico-duriense” do biografado (32):

“Os Guimarães veñen citados nos folios do ‘Nobiliario de D. Pedro, Conde de Barcelos, hijo del Rei D. Dinis de Portugal [ref. o *Nobiliário*]. E también nas notas do Marqués de Motebelo, coa variante Guimarães (sic), aínda hoxe perduradeira na Galiza [em Nota de rodapé: “O Pazo de Guimaraens ainda se conserva, habitado, nas terra da Ulla (Provincia de Pontevedra)”].

Seguem-se depois muitas considerações sobre a obra de Guimarães Rosa; entre elas, as circunstâncias que propiciaram o seu prémio da Academia Brasileira em 1936, que o dera a conhecer, estimando Valentin que valeu a Guimarães Rosa que naquele ano fosse nomeado ponente do júri Guilherme de Almeida, “novo aínda, mais xa sonado poeta, apóstolo lírico da Revolución Constitucionalista, e a quen eu tuvera a fortuna de conocer en Vigo, pol-a primavera do 1933”. Isto permite ao que fora director de *Galicia* fazer um excuso esclarecedor sobre essa personalidade, cujos leitores conheciam já de *Sementeira de Vento* e o *Pranto Matricial*, onde Valentin inseria uns apontamentos biográficos sobre ele (pp. 44-5):

“Chegara no mesmo ano a Lisboa, como eixiliado político, na resaca d-aquela revolta armada, que estalou en São Paulo e foi sofocada por Getulio Vargas.

Catorce anos despois do 36, débuse producir o meu primeiro reencontro en São Paulo con Guillermo de Almeida. Era o 1950, ano de malfado para Galiza. Nos seus primeiros días morrera en Buenos Aires Alfonso R. Castelao, a quen o máis galego dos poetas do Brasil, da miña mao levado desde Vigo, conocera dezasete anos antes en Pontevedra.

Eu non descubrira aínda a Guimarães Rosa. Tampouco o descubrín n-aquel reencontro co verdadeiro descubridor. Penso hoxe que foi por interposición na lembranza da grande figura espiritual, por un e por outro amada, que os galegos acababamos de perder”.

E já, deixando atrás “a saga do romancista”, ingresa Valentin na “Galecidade da lingua” e na “transmisión mítico-oral” da sempre complexa obra de Guimarães Rosa. Aí coloca como luz de guía/paratexto as seguintes palabras de *Ave Palavra*: “Toda lingua son rastros de vello misterio” (p. 83). E aí tamén aparece a auténtica motivación e sentido da obra: a que tem a ver com o futuro e dimensão externa (é o termo de Paz-Andrade) da língua comum (p. 84):

“Por un fado tan alleo ao pensamento canto a vontade de GR —mais non a súa persoal eixistencia de autenticidade e selectividade, a súa maieutica—, a materia de Galiza resultou subsumida na obra. De Galiza como unidade orixinaria de unha cultura. Non somentes chamada a perdurar. Chamada tamén a se transfundir na órbita de outros povos con máis benevolentes fados da súa evolución histórica.

Foi de abondo a teimosía rosiana de recurrencia as fontes, para aquele resultado sincrético poder coallar como n-un prodixio. Elementos galegos que perderan vixencia no portugués, maormente no literario, ou que dentro da mesma área da comunidade lingüística viñeran a menos, se non ficaban esmorecidos, recobran a súa plenitude ou a súa pristinidade na obra rosiana. Reagroman nos tecidos do idioma con insospeitados valores expresivos, con beleza reconquerida”.

Todo longe de qualquer passadismo, de qualquer tendência arcaizante, fácil tentativa, sem dúvida. É digna de notar a coerência de Paz-Andrade ao reparar nestes elementos como activo lingüístico e património comum. A recolha do que é genuíno porque vivo, nom como elemento arqueológico ressuscitado, mas como projecção estética e comunicativa. As mesmas palavras de Valentin farám ociosa a recorrência aos princípios que animam o seu pensamento (fecundidade, dinamismo, vida, reavaliação) sobre cultura e mundo lusofono a que nos temos referido. Di na continuação, ao falar de “O Sertão aniñador da língua” (p. 91):

“Como seiva fecunda d-aquel esquecido mundo, había aínda outro elemento dinámico. Había... *outra forma de linguaxe*. Ou si se quere a mesma lingua funcionando a outro *nível*. Había a *lingua do sertão*. Aquel manancial de formas verbaes que fixeran seu niño na boca dos sertanexos con psicoloxía de mineiros²⁵. Formas nin novas nin vellas. Sinxelamente vivas. Con vida no tempo paralela e a que mantiñan na lonxica terra que fora seu berce. E da que aínda poderían recibir unha nova reavaliación, cal moedas reacunadas de beleza expresioal.

O propio autor é quen tal segredo nos descobre. Un segredo para moitos transparente desde o primeiro libro, máis totalmente revelado nos outros que foran a clave da súa gloria:

“Os sertanexos de Minas Gerais, *isolados entre as montañas*, no imo de un

Estado Central, conservador por excelencia, *mantiveran cuasi intacto* un idioma *clásico-arcaico, que foi o meu da infancia, e que me seduz*. Tomandoo por base, *de certo modo instintivamente*, tendo a desenvolver as súas tendencias evolutivas, aínda embrionarias, como caminhos que uso”²⁶.

E entom, a reiteraçom, agora na prática da sua formulaçom teórica, das suas ideias-força; parece-nos que merece a pena esta citaçom a propósito agora da obra de Guimarães Rosa, de admirável coerência, coesom e homologia com as páginas de *Galicia como tarea, A evolución transcontinental* ou ainda *Sementeira de Vento*:

“Non tan embrionarias como semellan. No *sertão* non afloróu o manancial das palabras, nin cecáis o xeito de as falar. En xeral, non as aportóu *ex novo*. Recibéunas por transculturación da terra onde viñeron ao mundo, trasegadas por un terceiro povo, que foi o conquistador ultramarino portugués. Da vella entranha da latinidade, refundindo na súa os materiaes recibidos, a Galiza foi o pobo-fonte para Portugal. Para Brasil foi Portugal o pobo-fonte. Compre engadir que, nas maos d-un taumaturgo da lingua, os elementos asimilados do seu entorno vivencial, non obran sempre como no falar da xente. Pódense tornar de feitío distinto, a traveso do talento do artista, que sempre como artista se comporta.

[...]

É lóxico que nas formas sintácticas, a lei do orixe se teña modificado, en maor medida que nas transferencias vocabulares. De calquera xeito, non se pode por en dúbida que onde primeiro e amormente a forza expresional se acugula é na estrutura das palabras²⁷”.

Outras consideraçons deste teor vai tecendo Paz-Andrade ao falar do “transvertimento da fala”, e da riqueza, “mais que da pureza”, idiomática -é realmente notável a precisom com que o autor quer expressar-se -, que as terras do interior do Brasil e a Galiza supoñem como “canteiras en reserva” para o mundo lusófono (“ficaron ao marxe da recepción de moitos elementos foráneos, hoxe soldados a estrutura do portugués”); aquela riqueza, adianta, “da cal, ao cabo dos séculos, o mineiro xenial, viría a obter os achádegos estilísticos máis deslumeantes da literatura dos tres países.” (pp. 102-103).

Estas opinions adiantam umha perspectiva sobre a lusofonia a que já figemos referênci e que aparece como conseqüência do pensamento reintegracionista de Valentin: a de que, falando desde a lusofonia, todos os materiais culturais com que esse mundo é construído constituem o seu património, como galego; e isso sem hierarquia de nengumha classe. Comentando que “despóis de *Saragana*, foi cando a lingua de Rosa acada o climax estético (...)”, anota:

“(...) Mais si n-esto concordamos, implícitamente déixase fora de xogo calquera reparo encol da prioridade das fontes. Non ten dereito o artista para escoller a vontade os materiaes que mellor calidade poidan fornecer a súa manufactura? Moito máis partindo d-unha lingua que aínda se fala hoxe no grande sertao, como se fala na Galiza” (pp. 104).

No capítulo seguinte “O manancial que trasega” procederá ao estudo comparativo de todo o tipo de manifestaçons de cultura que aparecen na obra do autor brasileiro, e que aquí nom trataremos. Será aí onde apareça também e com maior clareza essa sua visom sobre o património cultural comum; e nom só património sincrónico, mas diacrónico. Referia B. Croce que toda a história é história con-

temporânea; podemos aplicar essa ideia à perspectiva de Valentin da cultura lusófona: toda a língua, todo o material de cultura, de ontem e hoje, é também contemporânea, património activo do utente lusófono. O capítulo é iniciado com este significativo paratexto do escritor luso e ‘regionalista’ Aquilino Ribeiro:

“Un renascimento literario ten de volver as orixens, aos clásicos, ao povo, e o primeiro passo -e unha cuestión apenas de vontade- dou-o eu aquí” (prólogo a *Terras do Demo*, Bertrand, Lisboa, 1963).

Atente-se agora nos seguintes comentários:

“Máis de un, entre a morea de escoliastas da obra, atribue a Guimarães Rosa o inicio de un “proceso de arcaización” da lingua. Abálame a sospeita de que se pude- ra tratar d-unha diagnosis encobridora de algún erro de perspectiva. A que, de certo, pode non ser a mesma, se o anteollo se manexa desde Portugal ou do Brasil litoral, que si para o enfoque tomamos outros miradouros, o propio sertão ou a Galiza” (p. 107).

“Os valores estéticos han de aproveitarse onde se atopen, aínda que viñeran en grea de séculos desfollándose sin froito nas ponlas marxinadas do mesmo arbore lingüístico” (p. 109).

Isto dito num contexto em que alguns impugnavam a obra de Guimarães Rosa como arcaizante, tirando de aí conotações negativas, embora outros, como Guilhermino César²⁸ viram na prosa do criador de *Saragana* a *fonte galega* e ainda um *saudosismo incurável*. Porque a obra é precisamente umha reivindicação da lusofonia de Guimarães Rosa feita por um galego desde a Galiza frente aos ataques de arcaísmo que sofria (cf. p. 190).

Com evidência, pois, o intelectual pluridimensional que Valentin Paz-Andrade era no Sistema intercultural galego-luso-afro-brasileiro. Um sistema de que é não só legítimo como enriquecedor o exercício das transferências²⁹ dos seus vastos e diversos domínios, tanto da Tradição como da Modernidade. Em *A Galecidade*, que, como prova do antedito, acabaria sendo adaptado à norma brasileira para a sua circulação no Brasil (prática também comum, e em nossa opinião infelizmente, aos livros em norma portuguesa e brasileira a funcionarem no outro espaço), Paz-Andrade estabelece um diálogo na lusofonia para precisamente reivindicá-la; e, nela, assinalar os contributos galegos à regeneração e reintegracionismo do idioma no léxico, na fraseologia, no mito (e aqui citará mais umha vez Pessoa: “O Mito é o nada e o tudo / O mesmo sol que abres os Céus/ é um mito brilhante e mudo”), procedendo a umha continuada comparação e equivalência com a realidade galega e a sua produção cultural (costumes, festas, Castela, Ponal, etc.) para mostrá-lo.

A Galecidade é, mui fundamentalmente, e assim funcionou na Galiza³⁰ e no grande País americano, umha reivindicação reintegracionista dum autor brasileiro, dum dos considerados maiores autores da História do Brasil, feita por um galego, o que pode resultar curioso na Galiza para estes tempos de indigência a respeito do mundo lusófono.

Se livros como *Galicia como tarefa*, *A Evolución* ou *La Marginación* manifestam um carácter programático e projectivo, em tempos de ditadura, *A Galecidade* funciona como um convite e umha prática para a recuperação, e isso tanto na sua dimen-

som interna como, trateremo-lo a seguir, na sua dimensom externa. E repare-se que os dous grandes livros que Paz-Andrade em que deu atençom exclusiva a obras de personalidades históricas som este e *Castelao na Luz e na sombra*, os dous da mesma época; e os dous sobre personagens-símbolo para muitos dos seus concidadaos.

A *Galecidade* é, talvez, o livro de maior internacional de Valentin, suscitando novos encontros na lusofonia.

Para além da sua concreta intervençom no panorama cultural brasileiro, incorporando-se como bibliografia obrigada sobre Guimarães Rosa e como iluminador de transferências e presenças entre ambos os sistemas culturais, o galego e o brasileiro, merece a pena pôr em destaque o eco e a impressom que provocou nalguns intelectuais de Além Mar. Ademais da já assinalada de Ronai, queremos aqui exemplificar com dous testemunhos igualmente reveladores... e solares!, como polo seus nomes se verá: os de Hélio Jaguaribe e de Hélio Dutra Domínguez. Eles, por sua vez, prolongarom, com a sua admiraçom e difusom da obra de Valentin, aquel seu labor mediador.

O interesse de Hélio Jaguaribe conhecemo-lo através de Osorio-Tafall³¹, como Paz-Andrade, home vinculado às actividades da FAO por Latino-América. “Fue precisamente en el CEESTEM³²”, narra a testemunha, “en donde con ocasión de la visita a este Centro del polígrafo brasileño Helio Jaguaribe” este,

“Impresionado por “un libro del escritor gallego Valentín Paz Andrade y titulado *A Galecidade na obra de Guimaraes Rosa*” me preguntó si conocía al autor. Mi buen amigo Helio era a la sazón Director del Instituto de Sociología de la Universidad de Río de Janeiro, se mostró asombrado por la erudición de Valentín al tratar un tema de gran interés para la cultura del Brasil. En varias oportunidades, tales como entrevistas de prensa y conferencias, Jaguaribe no escatimó sus elogios a esta obra magnífica de Valentín Paz Andrade que había sido escrupulosamente editada en gallego por el gran amigo que es Isaac Díaz Pardo” (19-20).

Diga-se que nom era pouca a consideraçom que o intelectual brasileiro tinha dentro e fora do Brasil. Jaguaribe, nascido em 1923, fundara aos trinta anos o Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política e três anos mais tarde o Superior de Estudos Brasileiros, e os seus escritos sobre economia, política e sociedade eram largamente apreciados e seguidos; umha autoridade pois no assunto por que Valentin enveredara.

O outro testemunho é já directo, pois aparece nas páginas de *Grial* (248-250), no n.º 64 de Abril-Junho de 1979. Trata-se dumha “Carta sobre «A Galecidade na obra de Guimarães Rosa»” escrita polo intelectual brasileiro-cubano Hélio Dutra Domínguez. Mais mediaçom e difusom: aqui conhecemos igualmente o intermediário: Neira Vilas, como o mesmo Dutra afirma já no início; e novos nomes e ideias aparecem: da carta depreende-se que Dutra envia para Paz-Andrade umha entrevista com Antônio Houaiss, importante académico brasileiro, “sobre problemas do idioma português no Brasil e em Portugal”. A carta, que mostra como por exemplo a Cuba chegou *La Marginación* (e nom *A evolución*, que nom é citada³³). Na carta, emocionado testemunho, vê-se o alcance que as reflexons de Paz-Andrade atingiram no mundo da lusofonia e as con-

seqüências práticas que daí se derivavam. Damo-la íntegra em nota³⁴ (impossível aqui analisá-la) por constituir um muito interessante documento para as perspectivas que a obra de Valentin abria e de como a sua concepção cultural encontrava cada vez mais ecos activos no domínio lusófono extra-galego; era a dimensão externa que esperava este Valentin, aliás, de já oitenta anos e carente de organização que o valesse...

V. MAIS UMHA PRODUÇÃO LITERÁRIA E MAIS UMHA HOMOLOGIA DE REPERTÓRIOS COM A PRODUÇÃO INTELECTUAL: *CEN CHAVES DE SOMBRA*

*Cen claves de sombra*³⁵, outro título, pelo já visto, de inequívoca feição valentiniana é o nome do seu segundo e último poemário. Liga-se perfeitamente com assuntos poéticos daquela *Sementeira de Vento* de onze anos atrás. De novo o mar, e mais outra vez a língua sobre esse mar como abraço continuamente procurado. A lusofonia abre-se como património próprio do poeta, que recupera os vanguardistas lusófonos para introduzir os seus versos, ao lado de Joyce, Neruda ou César Vallejo, a quem sem dúvida propendeu também por razões culturais e afectivas: o mundo irlandês e o hispanoamericano. E assim, a “Romanceira de Casteligo” é aberta com texto do brasileiro Carlos Drummond de Andrade: “A soma da vida é nula./ Mas a vida tem tal poder: / na escuridão absoluta/ como líquido circula”; e “Agora eres canción”, dedicado a Otero Pedrayo morto, nasce com os versos do outro grande modernista da lusofonia, agora o português Fernando Pessoa, transferido aqui, é claro, antes da sua glorificação: “A lembrada canção/ amor, renova agora/ na noite, olhos fechados, tua voz”.

Som estas igualmente provas do carácter moderno, dinâmico que Valentin imprimia também na sua criação literária, e que Lorenzo Varela, autor do prólogo do livro ilustrado por Seoane (mais umha outra prova do que indicávamos), não deixará de notar.

Merece ao nosso juízo alguma audiência aqui esse “Limiar”, pelo que tem de revelador dum pensamento e dumha orientação cultural que foi calhando noutras mentes:

“Houbo un tempo no que aínda era noviño, cásique adolescente, que lle din. E nise tempo non soio eu sinon que moitos outro tivémonos que dar conta de que o pazo ías camelias asoballantes, a leira ía xugada coa súa enxebre e merdenta vaca loira non fíndaban de darlle xeito ó país. Pra entón, o país xa era Galicia, que naqueles tempos chamabámoslle Galiza, como saben os lectores de Castelao. E tamén naquel tempo soupen que tal como se debe conquistar a cultura, pois non abunda según Malraux, con herdala, así hai que conquistar a Matria, e, aínda máis, a Patria.

I entón xurdíu unha xeneración de galegos reixidores: a máis de Castelao, Bóveda, Otero Pedrayo... Tinha poucos anos menos Valentín Paz Andrade, mais pra nós xa era un guieiro da xornada a facer” (p. 8).

Mais adiante, referido à sua poética, delimita Varela todo um quadro referencial cujas origens, dimensões e homologias³⁶ com outros âmbitos da actividade já conhecemos:

“Hoxe, quero decir agora, nestas páxinas suas, o que importa é a sua calidade de poeta. Eu non sei se lle gustará a Paz-Andrade cando vexa estas liñas, o que vou a decir. Penso que il ten -xa quixera telo eu-, un fíu da brétema milagreira que o leva de xionllos o pé da pedra dos máis lonxanos devanceiros, perto dos druidas. Na lingua da cátedra, se diría que polo tanto entronca coa lembrada poesía bárdica. Na liña de Pondal, inda que pareza, no comenzo, está pousándose no vieiro de Curros. Ou dos portugueses que tanto ama (portugueses ou brasileiros, que prá nós, cos debidos respetos, é o mesmo).

[...]

O seu galego é un idioma con arrepíos, con frouseiras que o levan a barlovento, escorado, no lombo do mar céltico, a sotavento, no peito do mar que se dispara camiño dos mundos” (p. 10).

Quadro referencial e vivencial, que rebenta a cada lado como querendo sublinhar agora na palabra poética essa experiência intensa do mundo que conheceu e desfrutou. Sob o título de “Ora na Hora”, proclama na “Contraofenda a Sant Yago” (pp. 34 ss.), que assina na capital galega em 1976:

“O árbore da lingua, árbore agosto,
cubrir ben pudo catro continentes,
pra ter no seu leito de Procusto
e vivir d-unha fé para creentes”.

VI. FINAL: GALIZA LAVRA A SUA IMAGEN E VALENTIN A DA GALIZA

Nesse ano da publicação de *Cen Chaves de Sombra* Valentin fazia oitenta anos. Inegavelmente, foram oitenta anos de vida agitada, pessoal, política, socialmente. Podia recontar múltiplas e mui variadas actividades e experiências: soldado, jornalista, político, advogado, empresário, ensaísta, poeta, economista, viajante..., com várias vezes a vida em risco. No entanto, ainda havia dar obras de fôlego, numha força e ánimo realmente admiráveis, se se nos permitir o apontamento, manifestando nos seus assuntos algumas das suas vocações (e, em parte, advocações) mais prezadas^{36 bis}. Entre elas merecem especial destaque a sua biografia de Castela, *Castela na luz e na sombra* (A Coruña, O Castro, 1982), o *Estudio Preliminar à reedição em facsímile de Ensayo de una historia de peces y otras producciones marinas de Galicia*, do ilustrado José Cornide³⁷, e *Galiza lavra a sua imagen*, a que agora nos havemos de referir polo que ao objecto do nosso estudo interessa.

A obra apresenta-se em duas maneiras complementares à leitura: para quem conhecia na altura a sua produção anterior, esse livro era sobretudo a síntese e a prática do seu pensamento; para quem não estava nessa disposição, *Galiza lavra a sua imagen* aparece como um conjunto heterogéneo de textos sobre diversos assuntos unidos pelo conceito que dá título ao livro: diferentes elementos, pessoas, ideias da Galiza actual e passada vinculados por darem, ou terem-no tentado, umha imagem da Galiza progressiva, moderna, genuína, inovadora, auto-identificada e auto-centrada com vocação universalista. Esse é o perfil, com diferentes acentos, da colectânea de textos ali reunidos.

E assim é para o nosso assunto. *Galiza lavra a sua imagen* está transido das, e sustentado nas, referências culturais, de todo o tipo, galego-luso-brasileiras, desde o paratexto de abertura (p.7):

“A alma modela a face como o sono do antigo oleiro modela o vaso fino”

(tomado de *A Correspondência de Fradique Mendes* de Eça de Queirós, e que sintetiza extraordinariamente o pensamento de Valentin que aqui vimos expondo, mesmo na autoria seleccionada) até recuperações de passadas atenções, como o caso de Cornide (“O Delfín Galego da Ilustración”, pp. 133-153) a quem classifica como o “Precursor do lusitanismo” galego.

Outros aspectos salientam. O mais evidente é a adopção dumha grafia mais próxima das normas portuguesa e brasileira. Certamente, na sua escrita vinha Paz-Andrade utilizando, nos vários domínios da língua (desde a forma ‘Galiza’) mas sobretudo no léxico, muitas formas de uso escasso nas épocas em que escrevia nos seus coevos galegos e propugnando, como vimos sobejamente, a reintegração progressiva do galego nas normas referidas. A proposta fica reafirmada em *Galiza lavra a sua imagen* com essa transferência da área luso-brasileira, passo que, aliás, lhe provocaria mais de um dissabor; observe-se que era a altura, 1985, momento de forte controvérsia e violência, sobretudo simbólica³⁸ no campo literário, intelectual e do ensino, em que a tendência contrária às idéias de Valentin vingara oficialmente; e momento também em que deveu parecer-lhe a altura de acompanhar a orientação que defendia, “o intre” em que devia “ser exercida”, tomando a posição que mais de quinze anos atrás sustentara³⁹ diante dum novo estado do campo intelectual e do poder⁴⁰.

Paz-Andrade atende aqui a muitos aspectos que julga identitários da cultura galega. À par, vai sendo utilizada para defini-los toda umha ampla gamma de materiais e imaginística, de repertório enfim do património lusófono. Ao tratar da “semiótica da paisagen” elabora um discurso lírico sobre as diferenças de sensibilidade entre Castela e a Galiza, simbolizados em dous pássaros, o melro e a cegonha; aí, os seus exemplos literários procedem de Guerra Junqueiro e de Gonçalves Dias. Páginas adiante trata o tema do humorismo como peculiaridade galaica, que qualifica de “indefinível” e onde fai desfilar Camilo e Eça. Ao, mais umha vez, debruçar-se sobre o futuro da língua galego-portuguesa assomam as conhecidas referências. *Galiza lavra a sua imagen* constitui assim a ideia da Galiza que o mesmo Valentin quijo contribuir a lavar. A dumha Galiza colocada no mundo porque colocada no âmbito galego-luso-afro-brasileiro, sistema intercultural das diferentes comunidades de língua comum.

Camões, Eça, Ramos Rosa, Guerra Junqueiro, Olavo Bilac, Guilherme de Almeida, Ângelo César, Pessoa, Drumond de Andrade, com Rosalia, Pondal, Castelao, Seoane, etc. formam a sua particular “Santa Companhia” literária, como P. Ronai, Gilberto Freire, Lapa, T. Braga, Oliveira Martins, Guilhermino César, António Sérgio, J.J. Nunes, Euclides da Cunha, Damião Peres, Jaime Cortesão... a intelectual, património do sistema intercultural que quer igualmente comum, constituído pelas duas nações europeias, as africanas e o grande Brasil transcontinental. Percebe-se bem isto em todas as suas obras programáticas ou reflexivas, como

também nas literárias já analisadas, com um pendor que, iniciático e tópico nos primeiros anos, vai, a partir da década de cinquenta (em que parece determinante o seu conhecimento do Brasil) firmando-se como central e original; e percebe-se bem em artigos breves, obras talvez menores quanto ao seu peso no campo intelectual, mas muito reveladoras da quotidianidade e naturalidade com que Valentin usa aquele património para o seu trabalho intelectual. Assim, em “O cincel de Faílde”, a falar do escultor, as referências comparativas som as dum galego e dum brasileiro, inserindo-o assim no imaginário do sistema intecultural (*Galicia Emigrante*, n.º 15, Novembro de 1955, p. 7):

“Conociéndole un poco, nadie dudará de que su arte nació con él. Como nació con Laxeiro, otro gran artista gallego de esta hora, su pintura. O con Antino Francisco Lisboa, o Aleixandinho, su arquitectura y su escultura barroco-brasileiras” (*GE*, n.º 15, 1955)

E assim também em (e citamos palavras de Filgueira Valverde⁴¹, p.30): “un belido ensaio, «A lingua que en nos nasceu» codifica criterios e aspiracións”; em “El área espacial de la lengua gallega” (1966) exalta a comunidade co portugués e o brasileiro, tal que a recensión do “Diccionario galego-portugués” de Williams de Melo, inserta en “Grial”. E falando da literatura espanhola marcada por dous humoristas galegos, “os mais grandes cecais que despóis de Cervantes e Quevedo tivo: Julio Camba e Wenceslao Fernández Flórez”, afirma (p.3-4):

“Os dous, o mesmo que Castelao, inxenios da faixa atlántica, como fora Eça de Queiroz, e como Castelao era [...]

O pendor do humorismo foi estudado como cualidade do espírito de certos pobos. Máis de unha vez tense falado de humorismo atlántico. E citando a Eça de Queiroz por Portugal, Chesterton, Shaw, Joyce... por Irlanda, parte de outros conspicuos cultivadores. Semella claro de abondo que na mesma afiliación terían de ser aforados os humoristas galegos da xeneración de Castelao, aínda que algúns escribiran en castelán”⁴².

VII. FINAL

Nom nos parece que as palabras aquí analisadas de Valentin devam ser atendidas superficialmente, procurando puerilmente a sua coincidência ou divergência com os nossos postulados. Mais, além disso, é desejável, se dela se quer beneficiar, nutrir-se das sólidas reflexons de Valentin, e desfrutar dumha obra certamente original. Muitas das suas valorizaçons deveriam ser afixadas nas portas da catedral da cultura galega, como Lutero afixou as suas na igreja do castelo de Wittenberg.

A obra de Valentin coloca-nos no mundo e situa-nos no mundo lusófono. Repare-se que é o primeiro teórico reintegracionista sólido do após-guerra na Galiza, e sendo-o, parece-me um dos mais modernos. Em minha opiniom, parte dessa modernidade bebe também na fonte da sua experiência política e económica, e da pessoal descobrindo reclamando atençom para o Brasil emergente. Concebendo (e praticando) o mundo lusófono como espaço humano e cultural próprio, exerceu igualmente umha magnífica tarefa de mediador (nom só desfrutou das

transferências, transmitiu-nas), talvez a mais peremptória, assim como recuperador da memória e impulsador da modernidade. A isso tampouco deveu ser alheia a sua solidíssima formação intelectual, que mesmo o leva a impugnar Freire⁴³ ou Levi-Strauss, onde não parece haver muito espaço à preguiça, outro dos males do tempo. E que o conduziu a perspectiva a acção cultural desejada do ser humano em contínuo dinamismo e diálogo, em constante renovação das fontes, cuja genuinidade não deve esquecer-se para ser. E todo isso, num pensamento ele também nada estático, progressivo e respondendo aos estados da sociedade, dos diferentes campos de intervenção; programático e respondedor; não imobilizado e inábil.

Resulta pois evidente que a biografia de Valentin é urgente para contribuir a conhecer, digamo-lo brutalmente, o galeguismo do século XX. Não foi possível aqui acompanhar as diferentes posições que este *outsider* (conceda-se-nos o expressivo anglicismo), fora das doutrinas dominantes e oficiais de muitas das épocas vividas, foi ocupando. A sua obra pode parecer agora inovadora a muitos, mas é preciso indicar que ela foi vezes sem fio ignorada. A isso contribuiu talvez o estigma da sua ruptura com Castela aceitando ir nas listas de Portela Valladares para conseguir mais um deputado galeguista nas Cortes Republicanas que debateriam o Estatuto Galego⁴⁴ e o seu posicionamento político nos anos setenta, o mesmo curiosamente que na actualidade é ocupado por muitos detractores ou indiferentes. A mim não me ensinaram a apreciar a sua obra, nem fui capaz de fazê-lo até passado bastante tempo. Hoje reparo, não a ele mas a mim, essa injustiça.

REFERÊNCIAS METODOLÓGICAS CITADAS

- Bassel, Naftoli. "National Literature and Interliterary System", *Poetics Today*, 12 (4):773-780, 1991
- Bourdieu, Pierre. "Le champ littéraire", *Actes de la Recherche*, nº 89, Setembro: 4-46, 1991.
. Raisons pratiques. Sur la théorie de l'action, Éditions du Seuil, Paris, 1994.
- Chernov, I. "National Literature. Theoretical Marginalia", *Poetics Today*, 12 (4): 769-772, 1991
- Even-Zohar, I. "Polysystem Theory", *Poetics Today* 11 (1): 27-96 1990
- González Millán. "A configuración historiográfica dunha literatura marxinal", *Actas do I Congreso Internacional da Cultura Galega*, Santiago, Xunta de Galicia, 1992.
- Lambert, J. "Les relations littéraires internationales como problème de reception", *Oeuvres et Critiques*, 11(2):173-189, 1986.

NOTAS

- (1) Este texto foi oferecido em síntese na conferência pronunciada pelo autor em Maio de 1997 em Vigo, com motivo dos Actos organizados pela AGAL em homenagem a Valentin Paz-Andrade.
 Del também foram retiradas muitas valorizações e referências (epistolares; jornalísticas, entrevistas, etc.) de Valentin e doutros por falta de espaço, que aparecerão em livro sobre o mesmo assunto, e que darão melhor ideia, esperamos, do estado do campo intelectual galeguista nas diferentes épocas e das sucessivas posições e tomadas de posição de Paz-Andrade no mesmo. A pessoa interessada pode encontrar no livro *Valentín Paz-Andrade. Epistolario* (ed. de Portela Yáñez e Díaz Pardo), Edición do Castro, Sada, 1997) uma abundante e exaustiva bibliografia. A mesma selecção de cartas aí feita dará maior luz a bastantes dos aspectos aqui comentados.
- (2) Para as considerações sobre a "escrita de biografias" assentamos nas ideias de Pierre Bourdieu em *Raisons pratiques* (particularmente os três primeiros capítulos)

- (3) Tempo depois entraria nas Irmandades da Fala; testemunha-o por exemplo Ramón Piñeiro, na p. 89 do seu “Presencia de Valentin Paz Andrade no Galeguismo”, in *Homenaje a Valentín Paz Andrade*, Academia Gallega de Ciencias, Diputación Provincial de Pontevedra, 1991, pp. 89-95:
- “O primeiro encontro de Paz Andrade co galeguismo organizado aconteceu na II Asamblea das Irmandades da Fala, que se celebrou en Compostela os días 7, 8 e 9 de novembro de 1919, na que estiveron presentes bastantes rapaces universitarios, Castelao, tamén presente na asamblea, foi o encargado de organizar un mitin público no que deberían participar dous estudantes e, con ese motivo, dirixiuse a Valentín para que fose un dos participantes. Foi así como xurdíu entre eles unha relación personal que axiña se transformaría na amizade fraterna que había de durar toda a vida”.
- (4) Este artigo será tamén obxecto de referencia no número 34 de *La Gaceta Literaria* de Giménez Caballero (proyecto literario de encontro peninsular que muitos galeguistas virom com bons ollos, antes da viragem ideolóxica deste), através da súa publicación en *El Sol*. É de salientar que Valentin Paz-Andrade era colaborador de *La Gaceta*, onde contribuía a vulgarizar a cultura galega no ámbito peninsular.
- (5) Salvo lapso, todos os textos som transcritos fielmente, para assim evitarmos o contínuo *sic*. É conhecida a multiplicidade de formas das várias normas galegas, mas deve indicar-se que a transcrição feita de textos em norma brasileira e portuguesa nos livros de Paz-Andrade nom foi, em geral, muito feliz.
- (6) Utilizamos este conceito sobre a base dos trabalhos sobre o assunto de Pierre Bourdieu, algum dos quais citamos na Bibliografía. Tomamo-los quase só como apontamento e intención, porque nom podemos obviamente aqui nem expor a teoria nem mesmo realizar unha análise da obra de Valentin Paz-Andrade desse ponto de vista com mínimo rigor.
- (7) Foron discursos como este e actividades em defesa da língua e identidade nacionais as que íam merecendo a admiração dos nacionalistas mas a crítica dura do regionalismo espanholista. No nº 489 de *Vida Gallega*, nos finais de 1931, em pleno debate sobre a cooficialidade do galego e as eleccións a Cortes da República pode ler-se unha dura crítica aos candidatos galeguistas, pronunciando-se a revista de Jaime Solá a favor da oficialidade do espanhol, em comunicado que assina, entre outros, Montero Díaz, e censurando-se noutro artigo os candidatos Castelao, Cabanillas e Paz Andrade a normalización lingüística que proponhem e o caminho separatista que, a seu juízo, están tomando.
- (8) O título era já revelador: “A suxestión do mando”, *A Fouce*, nº 29 de 1 de Marzo de 1931.
- (8 bis) O traballo autonomista de Paz-Andrade cedo tem eco em Portugal. No *Primeiro de Janeiro*, por exemplo, publica o emblemático Primeiro de Dezembro de 1931 o artigo «A demanda autonomista de Galicia», acompañada dum debuxo de Castelao.
- (9) *A Fouce*, nº 44, 17 Janeiro de 1932.
- (9 bis) Fernández Freixanes, Víctor, «Valentín Paz-Andrade, crónica dun xornal», in *Unha ducia de galegos*, Galaxia, Vigo, 1976.
- (10) Certamente *Galicia* foi unha experiencia singular; encerrado o 15 Setembro de 1926, tras resistir nom poucos ataques, ameazas, censuras e encerramentos da Ditadura, o jornal vendia, como lembra X.-X. S.C. (Xoán Xosé Santamaría Conde in *Enciclopedia Gallega*, vol 24, p. 90, Silverio Cañada, editor) 12.000 exemplares, só superado polos 15.000 do *Faro* e *La Voz*. “Frente a *El Pueblo Gallego* de Portela Valladares y el *Faro de Vigo*, los dos importantes vigueses, surge *Galicia* como alternativa liberal y democrática desarrollada muy activamente a pesar de su corta vida”, refere X-X- S-C.
- (11) Transcrevem-se na continuación duas cartas a Teixeira de Pascoaes do redactor-chefe de *Galicia*, Blanco Torres, sempre com o timbre do jornal:
- “Vigo, 17-Agosto. 1924
- Meu admirado poeta e ilustre amigo:
- Pol-o noso gran ??namorador Paco Luis Bernárdez foime entregado, como un presente honrosísimo, o seu retrato que gardarei cal unha xoya preciosísima. Ningunha cousa podería envanecerme tanto como ter entr’as miñas reliquias mellores a vera efixie do mais grande poeta do Portugal irmán a quen tanto admiro.
- Reciba o mais fondo agradecimento e a eispresión da miña amizade e veneración Roberto Blanco Torres”
- “Vigo, 17 de Xulio de 1925:
- Meu querido e admirado amigo: O próximo día 25 publicará Galicia unha edición estraordinaria conmemorando a data da súa saída e o “día de Galicia”. Queremos que n-este número se reúnan nomes ilustres i-escribidos. ? Quere V. facernos o regalo d-unhas liñas súas? Flcaríamos-lle muito obrigados.
- Saúdao con gran afeuto e repútase seu cordialmente RBT”.
- (12) Ediciones Galicia, Centro Gallego de Buenos Aires, 1959. O libro publica-se em Buenos Aires, entre outras razons, porque há ali unha editora disposta a isso, com a que Valentin entrara em contacto directamente já anos antes, aquando a sua estadia por terras sulamericanas.
- (13) Castelao, “Proyecto de Constitución”, 18 de Setembro de 1931:
- “Pero aun hay más: con la dignificación de nuestra Lengua logramos quizá o nos acercamos a realizar el gran hecho histórico: la compenetración ibérica que todos anhelamos; porque tengo que recordaros, Sres. Diputados, que el galaico portugués es hablado por unos 40 millones de personas.

(...) es preciso decir que es el último lazo que une a España con Portugal. Se habla muchas veces de una Confederación ibérica como bella ilusión; pero es preciso decir que no hay más que una puerta por donde España pueda comunicar con Portugal". In *Discursos Parlamentarios*, O Castro, A Coruña; ed. de X. L. García.

- (14) Entendemos o concepto de sistema intercultural a partir da noção de sistema interliterário de Naftoli Bassel (áreas internacionais que partilham espaços lingüísticos, étnicos ou políticos comuns, cujos elementos neles se revêm), sustentado por sua vez no de polissistema no sentido que Even-Zohar o utiliza (vid. Bibliografía): rede de produtores, consumidores, produtos, instituições, mercados, repertórios que configuram a vida literária (Cf. Bibliografía).
- (15) Lembre-se que, nesta altura, os Países africanos de língua oficial portuguesa ainda não conseguiram a sua independência.
- (16) Este aspecto, de capital importância para a sobrevivência dumha cultura como a galega, mereceria de seu umha atenção que aqui não pode ser fornecida. Digamos apenas que um sistema cultural é constituído por Tradição, Produção e Importação de elementos culturais (Lambert, vid. Bibliografía), cuja proporção e peso determinam em cada momento o estado desse sistema. No caso galego, cuja Tradição culta é, em língua autóctone, inexistente desde os finais do Medievo até ao século XIX, o recurso de tomar como própria a Tradição lingüística, literária, artística, cultural em geral portuguesa e lusófona, é para alguns galeguistas determinante como substituto daquela que conforma o seu referente de oposição: a Tradição espanhola.
- (17) Excluimos *Pranto Matricial* (Buenos Aires, 1954) porque ele é, na realidade, um único poema, dedicado a Castela. A ele haveremos de referir-nos mais adiante.
- (18) O qualificativo principesco não é hiperbole saída da estima de Valentin. Guilherme de Almeida detentava certamente este título desde 1959, em concurso promovido pelo popular *Correio da Manhã*, em que substituiu Olegário Mariano. Da grande estima que Paz-Andrade nutriu pelo brasileiro ainda adiante encontraremos abundantes testemunhos. Nascido em 1890 em Campinas, e falecido em São Paulo em 1969, Guilherme de Almeida foi crítico e ensaísta de vasta formação, modernista e neo-parnasiano, com umha obra de cunho nacionalista, que lhe valeu um rápido reconhecimento, ingressando na Academia das Letras em 1930, e desenvolvendo umha mui intensa actividade no âmbito da cultura brasileira.
- (19) Pp. 117-132 de *O Porvir da Língua Galega*. Círculo de las Artes, Lugo, 1968
- (20) É extraordinária a formação intelectual de Paz-Andrade para defrontar os vários e variados assuntos que fôram objecto da sua atenção. Por exemplo, baste indicar que por este breve artigo desfilam com propriedade, e para além dos citados, C. Trabalza, O. Jespersen, M. Bandeira, M J Herskovits, J. Vendryes, Teófilo Braga, Henri Berr e Pedro Salinas.
- (20 bis) Vid. "Valentin Paz-Andrade un corazón sen sospeita", entrevista por Gustavo Luca de Tena e Xan Carballa, *A Nosa Terra*, n.º 316, 22 de Maio de 1987. As palavras de Paz-Andrade iluminam outros aspectos aqui focados.
- (21) *La marginación de Galicia*, Siglo XXI de España Editores, Madrid, 1970.
- (22) Nascido em 1900, a sua obra poética desenvolve-se particularmente nos anos vinte e trinta; destacou também como dramaturgo, sendo premiado por duas vezes (prémio Gil Vicente e de Peças Inéditas de Teatro Declamado) em 1962 e 1965 respectivamente.
- (23) Valentin Paz-Andrade, *A Galecidade na Obra de Guimarães Rosa*, introducción de Paulo Ronai; Epílogo de Álvaro Cunqueiro, Edicións do Castro, Sada, A Coruña, 1978.
- (23 bis) A tarefa mediadora não se esgota com estas actividades. Paz-Andrade destinha alguma da sua actividade a vulgarizar entre nós figuras da cultura brasileira, como o caso de Drumond de Andrade (Cfr. *Epistolario*, pp. 45 a 63).
- (24) Nascido em Budapeste em 1907, Ronai foi um afamado filólogo, considerado Mestre das Ciências da Linguagem e fundador da Associação Brasileira de Tradutores.
- (25) Paz-Andrade inclui aqui umha extensa nota citando Xosé Landeira Irigoien. "Nota sobre João Guimarães Rosa, ou o esplendido regionalismo", *Grial*, n.º 15 Jan Março 1967 sobre a psicologia e hábitos do mineiro.
- (26) Carta do autor a Mary Lou Daniel, de 3 de Novembro de 1964. (N. de V. P.-A.).
- (27) Eduardo Moreiras, "Vivências galegas nas narracões de Guimarães Rosa", *Grial*, Abril Julho, 1975 (N. de V.P.-A.)
- (28) Este Professor das Universidades de Minas Gerais (de cuja Faculdade de Filosofia foi director) e do Rio Grande do Sul (aí catedrático de Literatura Brasileira), nascido em 1908 e pioneiro do modernismo mineiro, foi também umha das amizades brasileiras de Paz-Andrade.
- (29) Cfr. Even-Zohar, bibl. cit.
- (30) A começar por Álvaro Cunqueiro, que também se refere, embora de passagem, a este aspecto no seu "Epílogo", p. 210. "Hai que decir que, em primeiro lugar, é o idioma galego o que o preocupa. Porque n-unha dimensión mui ampla Galicia é o idioma galego, e porque o noso compañeiro sabe que non se nos pode matinar a existencia de Galicia sen o seu idioma. Pro tamén sabe que o galego non pode, nin debe, ser un cementerio lingüístico, e así coido que a súa primeira publicación sobre o galego tratou de «a evolución transcontinental da lingua galego-portuguesa». E é quizaves, e sin quizaves, que no discurso que acaba de ler, está a preocupación

pol-a expansión ultramarina da fala nosa. Paz-Andrade, quen fixo un estudo tan sutil, tan lúcido sobre a obra de Valle-Inclán, foi a fixarse n-un escritor brasileiro, Guimarães Rosa, en cuia obra vai o noso compañeiro a atopar e analizar a «galecidade» da súa lingua, a galecidade da lingua do sertão, que Guimarães recría no plano artístico, como apunta Wilson Martins a quen Paz-Andrade cita, «sem perder as súas fontes, a lingua prodigiosa do sertão, imprimíndolle a mesma flexividade que lle dá o sertanejo elocuente, imaginoso». Pro, ¿de qué se trata? Cóntanos Paz-Andrade, como os presentes ouviron, tal afirmación poidera tratarse d-unha diagnosis encobridora de algún erro de perspectiva, que de certo non podía ser a mesma «si o anteollo se manexa dende Portugal ou do Brasil litoral, ou si para o enfoque tomamos outros miradoiros. O propio sertão ou a Galiza».

- (31) “Valentin Paz Andrade en el mundo internacional”, B. F. Osorio-Tafall, in *Homenaje a Valentín Paz Andrade*, Academia Gallega de Ciencias, Diputación Provincial de Pontevedra, 1991, pp. 11-24.
- (32) Centro de Estudios Económicos y Sociales del Tercer Mundo, de que Osorio Tafall foi Director Geral entre 1976 e 1980, “creado a finales de su administración por Luis Echeverría, Presidente de México”, conta o propio Osorio-Tafall.
- (33) Referências como a citaçom do verso de Curros manifestam umha cumplicidade de argumentos, porque ele é citado por Valentin em *La Marginación* (p.118), e nom em *A Evolución*, no Capítulo “La Excomunió del Habla propia”.
- (34) “Felizmente para nós, o correio de Galiza tem chamado algumas vezes às nossas portas. Das *Memorias dun neno labrego* até a *Galecidade* e, mais recentemente, a *Marginação da Galiza*, estamos aprendendo cousas que jamais havíamos intuído em nossa já demasiado estirada existência.

Entusiasmados com os descubrimentos, confiamos ao amigo Neira Vilas um documento jornalístico, que acreditamos será de interesse para o amigo Paz-Andrade: nos referimos à entrevista do acadêmico brasileiro Antônio Houaiss, sobre problemas do idioma português no Brasil e em Portugal. Não sabemos se em suas viagens ao Brasil o amigo conheceu este extraordinário estudioso do nosso idioma. Pensamos que Antônio Houaiss responde em certa extensão algumas de suas perguntas no capítulo sobre a “Marginação do Idioma”. E os interessantíssimos problemas abordados em suas considerações acerca da marginação e sobre qual seria a “evolução a esperar” no desenvolvimento futuro do galego, do português do Brasil e o de Portugal.

Particularmente, como leitor anônimo, coincidimos em que não seria possível alcançar uma unificação literal. Esta tentativa foi feita varias vezes, com iniciativa governamental ou oficiosa, através das Academias de Letras do Brasil e de Portugal. Os resultados, como se vê, não foram bons. Houaiss dá algumas razões dos desencontros, que vão do desconhecimento de alguns negociadores até a má fé de alguma das partes, senão das duas, passando pelo “monopolio” do idioma pelos portugueses... Mas seguramente há uma grande possibilidade de “enriquecimento lexicográfico recíproco”, e este deveria ser o espírito da sabedoria, da ciência e da sociologia do idioma. Como o amigo está dotado dessa capacidade para esse novo renascimento, vemos em seu intercâmbio com Brasil -e naturalmente com Portugal- a chave de uma nova era para nossos idiomas, mais nossos porque são no fundo a mesma linguagem.

[...] Como livro excepcional, *A Galecidade* desperta uma multidão de ideias no coração de um devoto de G.R. Mas, depois de ler a *Marginação*, compreendemos que G.R. deslumbrou não somente o beletrista e catador de gemas raras, para alcançar o político e o sociólogo - que todas essas condições concorrem em sua personalidade.

Mas, como vê, prevalece em nós a preocupação prática; e por esse motivo nos atrevemos a recomendar ao amigo -se ainda não está em marcha algum plano nesse sentido- estabelecer contato urgente com os meios literários, culturais e editoriais do Brasil, para chegar a esse enriquecimento recíproco, que é um dos fundamentos do espírito internacionalista dos povos. Os brasileiros compreenderão perfeitamente suas preocupações e inquietações com a marginação da região, do homem, da língua e de outros factores da sociedade, pois são problemas históricos e atuais no Brasil. A marginação do idioma alí é parte do instrumento de dominação. E a obra de G.R. parece ser uma contribuição prática à sua tese, tanto do ponto de vista lingüístico, idiomático, como do sociológico.

Ao ler *A Galecidade*, nos lembramos da frase de Unamuno sobre José Martí, ao reconhecer que a América Hispânica estava devolvendo à Espanha um novo idioma. Suas expressões sobre G.R.; sua declaração de que “a glória de su definitiva salvación (do galego) a devemos a Portugal”; sua menção à “qualidade e extraordinario hálito humano que caracteriza a literatura portuguesa nesta hora poderosamente enriquecida pelos modernos escritores do Brasil”, nos convencem que seus domínio sobre essas ciências sociais está alicerçado numa probidade intelectual.

Sua tese da influência galega na obra de G.R. tem, pois, a nosso ver, uma importância à altura da significação transcendental da expansão ultramarina do/250 idioma. Que, ao contrário de outras expansões, foi levada nos lábios de seus portadores. E se a “letra com o sangue entra”, a nossa veio das fontes nutricias navegando em leite, e por algo nos sentimos orgulhosos e emocionados de chamá-la nossa língua materna.

Seu livro explicará aos brasileiros a chave do idioma em que se nutriu G.R. e que tanta perplexidade ainda desperta nos meios nacionais e internacionais. Porque ele mergulhou nas raízes, Paz-Andrade pôde descifrar o “misterio esse” de G.R. Ainda que os escritores, os críticos e os leitores assim não o entendessem, G.R., como um Mr. Jourdain às avessas usava o galego e fazia seus “rosoemas” -“a sabiendas”.

Seu livro se derrama como bálsamo de sândalo sobre ondas encapeladas, no tormentoso universo tricontinental luso-galaico-brasileiro -e africano. G.R., com sua obra (que representa seguramente o espírito de muitos

outros, que não souberam expressá-lo tão bem como ele fez) é uma prova que os herdeiros de Taveirós estão orgulhosos de sua linhagem e o demonstram com a palavra. Ave-Palavra. E suas palavras, como representante da pleiade de escritores nascidos de Rosalía —escritora nutricia— são um reconhecimento de nossos maiores aos ascendentes luso-brasileiros.

[...]

Saiba quanto lhe agradecemos, como natural do Brasil, por escrever esse livro, e ao fraterno Neira Vilas pelas primicias de sua leitura. Disponha pois de seu... (ia dizer “novo”, mas seu livro estabeleceu já entre nós uma amizade de infância); assim, considere-nos como um velho seu amigo e seguro servidor, que o saúda com a convicção de que, com um povo marinheiro como o da Galiza e com homens como Curros Enríquez, Guimarães Rosa, e tantos máis.

“Ti no morrerás, Cristo das linguas”

- (35) *Cen Chaves de Sombra*, O Castro, A Corunha, 1979.
- (36) Exemplo dessas interrelações e homologias entre as tomadas de posição de Valentin nos diferentes campos é, para além dos muitos citados, o artigo “Evaluación del sector pesquero en Galicia”, in *Perspectivas de Galicia ante el 2º Plan de Desarrollo*, Instituto J. Cornide de Estudios Coruñeses, Maio-Junho de 1968, pp. 77-104, Corunha, onde, sob epígrafes como “La predestinación marítima” ou “el marco geográfico”, faz referência à comunidade com Portugal.
- (36 bis) Ainda serão várias as conferências ditadas por Valentin, entre as quais a de Maio de 1984 na Juventude de Galiza, em Lisboa, como informa a imprensa lusa e destaca, em artigo elogioso, Montezuma de Carvalho no *Jornal de Sintra* desse dia, e a de 7 de Dezembro do mesmo ano, em Vila Nova de Gaia, resenhada, entre outros, pelo *Jornal de Notícias*. O assunto dumha e doutra é a vida e obra de Castelo.
- (37) A Ilustração foi sempre umha referência na obra de Valentin, muito possivelmente porque ali encontrava um *modus operandi* próximo das ideias que sustentava; em concreto, a figura de Cornide mereceu algumha monografia sua, publicada em *Galiza lavra a sua imagen*, em que o define como “o primeiro lusitanista da Galiza”.
- (38) Sobre este conceito, vid. Bourdieu (1994).
- (39) Lembremos as suas palavras de 1968, já citadas, sobre a evolução da língua (e note-se a coerência delas com a prática de *Galiza lavra a sua imagen*):
- “Unha é a evolución continxente que deica agora seguíu. Outra a que en adiante deba ter. Ainda que a opción non veña por primeira vez ás nosas maos, podemos estar chegando ao intre no que deba ser exercida. O galego ha de seguir mantendo unha liña autónoma na sua evolución como idioma, ou ha de pender a mais estreita similaridade co-a lingua falada, e sobre todo escrita, de Portugal e-o Brasil? Os termos da custión non deben ser tomados no senso de que o galego, pra marchar en maior irmandade formal co portugués, teña que deixar se ser o que é”.
- (40) Nom deve para nada ser negligenciado nem o factor em que a situação se apresentava nem o entendimento das diferentes tomadas de posição de Valentin ao longo da sua vida, que explicam estas escolhas. É verdade que já em *Castelao na luz e na sombra* (1982) essa orientação aparece, e que é perfeitamente perceptível em poemas como os publicados em *Nordés*, (nº 4, 1976, pp.22-3), mas repare-se em que, com toda a segurança, no momento da redacção e mesmo da impressão do livro, as *Normas ortográficas e morfológicas do idioma galego* nom eram oficiais. A atitude pois de Valentin em *Galicia lavra a sua imagen* é de evidente insurgência e conseqüente distanciamento daqueles de quem, por biografia e partilha de ideias (nom todas), podia considerar-se próximo. De facto, sabemos por boca dum conhecido intelectual galeguista que esse livro, pola sua escolha lingüística sobretudo e também polo seu conteúdo, provocou iradas reacções e hostilidade nos meios intelectuais que consolidavam o seu papel dominante. E, igualmente, esse passo significou a renúncia aos benefícios que umha posição central e oficial podia oferecer-lhe, passando a ocupar o lado dos vencidos/dominados polo intervencionismo e determinismo que no campo intelectual vai derivar da oficialização das *Normas* e do seu uso como instrumento de violência simbólica posterior.
- (41) “Valentin Paz Andrade na cultura galega”, in *Homenaje a Valentín Paz Andrade*, Academia Gallega de Ciencias, Diputación Provincial de Pontevedra, 1991, pp. 25-33
- (42) “A fonte autobiográfica de Castelao...”, *Grial*, nº 71 de Janeiro-Março de 1981. Esta valorização vai incorporá-la também a *Castelao na luz e na sombra*. Nom esquece, aliás, aqui Valentin essa elaboração do galeguismo sobre a área celta que partilhariam Galiza, Portugal e, sobretudo, Irlanda dos Países a eles setentrionais. Quanto à referência aos galegos escritores em espanhol poderia ser acrescentado Valle-Inclán que, embora nom sendo da mesma geração, foi também perspectivado por Valentin desse ponto de vista da criatividade humorística (Cfr. por exemplo *La Anunciación de Valle-Inclán*, AKAL, 1967, e que citamos porque também quiço ver nele afinidades com os humoristas lusos).
- (43) Por exemplo em *Los Gallegos* (1966), p. 51, no capítulo “La Sociedad y la Economía” (45-93) da sua autoria.
- (44) Estigma que, que no entanto e, desfazerá o próprio Castelao ao escrever a Valentin em 1944 para a reorganização política do galeguismo interior; o mesmo Isaac Díaz Pardo o testemunha em “Valentin Paz Andrade lembrado dende a emigración” in *Homenaje a Valentín Paz Andrade*, Academia Gallega de Ciencias, Diputación Provincial de Pontevedra, 1991, pp. 53-56).